

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**RUBENS FRANCISCO RICCO**

**POTENCIALIDADES DA CLÍNICA PSICOLÓGICA FENOMENOLÓGICO-  
EXISTENCIAL E AS POSSIBILIDADES PARA AQUELES QUE AÍ-SE-ENCONTRAM**

**Ribeirão Preto**

**2023**

**RUBENS FRANCISCO RICCO**

**POTENCIALIDADES DA CLÍNICA PSICOLÓGICA FENOMENOLÓGICO-  
EXISTENCIAL E AS POSSIBILIDADES PARA AQUELES QUE AÍ-SE-ENCONTRAM**

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia  
do Centro Universitário Barão de Mauá para  
obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Martha Ethel Steytler

**Ribeirão Preto**

**2023**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

R381p

Ricco, Rubens Francisco

Potencialidades da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial e as possibilidades para aqueles que aí-se-encontram/ Rubens Francisco Ricco - Ribeirão Preto, 2023.

67p.

Trabalho de conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dra. Martha Ethel Steytler

1. Psicoterapia 2. Fenomenológico-Existencial 3. Acolhimento I. Steytler, Martha Ethel II. Título

CDU 159.9

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB<sup>8</sup> 9878

**RUBENS FRANCISCO RICCO**

**POTENCIALIDADES DA CLÍNICA PSICOLÓGICA FENOMENOLÓGICO-  
EXISTENCIAL E AS POSSIBILIDADES PARA AQUELES QUE AÍ-SE-ENCONTRAM**

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia  
do Centro Universitário Barão de Mauá para  
obtenção do título de bacharel.

Data da aprovação \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr<sup>a</sup>. Martha Ethel Steytler  
Centro Universitário Barão de Mauá - Ribeirão Preto

---

Me. Felipe de Souza Areco  
Centro Universitário Barão de Mauá - Ribeirão Preto

---

Dr<sup>a</sup> Gisele Machado da Silva Carita  
Centro Universitário Barão de Mauá - Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto**

**2023**

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente à minha família pelo incondicional apoio para a realização deste trabalho intelectual. Agradeço à minha orientadora, a Professora Doutora Martha Ethel Steytler, que me ofertou todos os suportes necessários para sua consolidação. Por fim, agradeço ao corpo docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá, que integraram e contribuíram para a minha formação.

## RESUMO

O presente estudo buscou abordar as potencialidades presentes na clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, que se revelou sustentada na escuta e fala e as possibilidades de promover no analisando, que já é um ser em abertura, uma existência mais plena e autêntica. Foi instigado um diálogo com o intuito compreensivo sobre a possível promoção, para aquele que busca acolhimento para seu sofrimento na clínica, de uma existência mais singular que seja alcançada com a conquista de um entendimento existencial mais próprio e aberto. O método utilizado foi o da revisão narrativa de literatura pertinente através de levantamento bibliográfico nas produções acadêmicas que enfocam a referida Clínica. Exploraram-se aspectos envolvidos na clínica, que, por excelência, configura-se como um espaço onde se realiza um encontro de seres existentes e que, na relação do aqui e agora, apresentam forças transformadoras capazes de colaborar com a aquisição da liberdade e da responsabilidade diante do próprio existir, conquistando, assim, uma vida mais genuína e singular. A indeterminação e incompletude da existência, seus percalços, frustrações e dores próprias, a redução de sentido e as solicitações hegemônicas de nosso tempo, a Era da Técnica, fazem com que o ser se perca de si mesmo, restringe possíveis sentidos, infringem tensões existenciais, queixas e promovem a angústia que o levam e que aparecerão na clínica. Foi realizada uma investigação das tonalidades afetivas da angústia e do ser-para-a-morte em sua antecipação da morte como afinações do ser-aí (Dasein), que se apresentaram como possuidoras da aptidão de irromperem com a parcimônia existencial em que se está submerso e o colocam em questionamento passível de desvelar a existência e promove sua abertura para o ser mais próprio e seu inerente caráter de poder-ser. A Clínica aqui refletida correspondeu a pensar como essa crise existencial, em especial a angústia, pode ser trabalhada, dissolvendo as ocupações intramundanas, destecendo as cristalizações estabelecidas no modo de ser do analisando e permitindo, se assim o quiser, uma transformação existencial. Essas reflexões forneceram entendimentos de concebíveis caminhos para se contrapor às imposições do mundo contemporâneo, que são o cuidado, a serenidade e o pensamento meditante. Assim, contemplou-se a clínica, que, em seu movimento despojado e aberto ao acolhimento atento, permite que o analisando encontre condições de se apropriar de seu poder-ser, permitindo-se corresponder às possibilidades e a se desvencilhar daquilo que o fecha e impossibilita de alcançar seu ser mais próprio.

**Palavras-chave:** psicoterapia; Fenomenológico-Existencial; angústia; ser-para-a-morte; acolhimento.

## ABSTRACT

This study sought to address the potential present in the Phenomenological-Existential psychological clinic, which is supported by listening and speaking, and the possibilities of promoting a fuller and more authentic existence in the analysand, who is already a being in openness. An academic dialog was instigated with the aim of understanding the possible promotion, for those who seek acceptance for their suffering in the clinic, of a more singular existence that is achieved with the conquest of a more personal and open existential understanding. Aspects involved in the clinic were explored, which, par excellence, is configured as a space where a meeting of existing beings takes place and which, in the relationship between the here and now, present strengths in the face of their own existence, thus conquering a more authentic and unique life. The indeterminacy and incompleteness of existence, the mishaps, frustrations and pain inherent to human existence, the reduction of meaning in our historical horizon and the hegemonic determinations and demands of our time, the Age of Technique, cause the being to lose itself, restrict possible meanings, cause existential tensions, complaints and promote the anguish that leads to it and that will appear in the clinic. An investigation was carried out into the affective tonalities of anguish and being-for-death in its anticipation of death as tunings of being-there (Dasein), which were presented as possessing the aptitude to erupt with the existential parsimony in which one is submerged and places it in questioning that can unveil existence and promotes its opening up to its most proper being and its inherent character of being-able-to-be. The Clinic reflected here corresponded to thinking about how this existential crisis, especially anguish, can be worked on, dissolving intramundane occupations, unraveling the crystallizations established in the analysand's way of being and allowing, if desired, an existential transformation. These reflections have provided insights into conceivable ways to oppose the impositions of the contemporary world, which are care, serenity and meditative thinking. In this way, the clinic was considered, which, in its stripped-down movement and openness to attentive reception, allows the analysand to find conditions to appropriate their power-being, allowing themselves to correspond to the possibilities and to free themselves from what closes them off and makes it impossible for them to reach their most unique being.

**Keywords:** psychotherapy; Phenomenological-Existential; anguish; being-for-death; acceptance.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                       |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                              | <b>7</b>  |
| 1.1 Justificativa .....                                                                                               | 10        |
| 1.2 Objetivos da pesquisa .....                                                                                       | 10        |
| 1.3 Método .....                                                                                                      | 10        |
| <b>2 A FENOMENOLOGIA E O EXISTENCIALISMO EM DIREÇÃO À CLÍNICA.....</b>                                                | <b>15</b> |
| 2.1 Husserl.....                                                                                                      | 16        |
| 2.2 Heidegger.....                                                                                                    | 19        |
| <b>3 ERA DA TÉCNICA, COTIDIANO E IMPESSOALIDADE.....</b>                                                              | <b>26</b> |
| <b>4 ANGÚSTIA E SER-PARA-A-MORTE: TRANSFORMAÇÕES POSSÍVEIS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....</b> | <b>35</b> |
| 4.1 Tonalidades afetivas e a angústia.....                                                                            | 36        |
| 4.2 Angústia e abertura.....                                                                                          | 40        |
| 4.3 Ser-para-a-morte.....                                                                                             | 41        |
| 4.4 Poder-ser do ser-aí.....                                                                                          | 44        |
| 4.5 Clínica e o ser-para-a-morte: abertura para à existência como possibilidades.....                                 | 45        |
| <b>5 CLÍNICA PSICOLÓGICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....</b>                                                          | <b>49</b> |
| 5.1 Clínica psicológica e o saber-fazer.....                                                                          | 51        |
| 5.2 A relação analista-analisando.....                                                                                | 55        |
| 5.3 Relação psicoterapêutica: compreensão e ajuda.....                                                                | 57        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                    | <b>61</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                              | <b>64</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso do bacharelado em Psicologia, propõe vislumbrar as potencialidades da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial para o analisando.

A proposta é desenvolver esse trabalho de pesquisa com a premissa de proporcionar amparos teóricos e técnicos para uma futura e desejável atuação na referida área.

Sua efetiva ação depende de sólida e contínua formação, qualificação e o saber-fazer, conforme colocado por Feijoo (2015, p. 7) “O fazer clínico, além dos estudos, análises, supervisões e orientações, tem sempre presente a dinâmica junção entrelaçada entre o pensar e ser e o pensar e fazer”.

O saber-fazer, cerne da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, demanda também a prática, como o autor ainda é estudante e estagiário, se limitará a relatar experiências outras. Contudo, já se encontra instigado e aberto a contemplar a virtude do pensamento Fenomenológico-Existencial voltado à clínica psicológica.

Almeja-se explorar os aspectos envolvidos na prática clínica, que é um espaço que realiza um encontro de seres existentes e que em sua relação psicoterapêutica do aqui e agora, apresentam forças transformadoras capazes de colaborar com a aquisição da liberdade e da responsabilidade frente ao próprio existir e conquista de uma existência mais autêntica e singular.

Os fundamentos filosóficos da Fenomenologia e do Existencialismo influenciaram e promoveram um redirecionamento na forma de se compreender e na prática da Psicologia, que a direciona a uma concepção de ser humano e de se fazer ciência que reconhece o ser humano como um ser livre e capaz de construir sua própria história dentro e frente as possibilidades de seu mundo, ao nosso ver, aspecto central para a prática da clínica psicológica (LIMA, 2008).

A psicologia, como fundamento na fenomenologia e no existencialismo, afirma que ao psicoterapeuta cabe a tarefa de trazer à tona as expressões inautênticas e autênticas do cliente, mobilizando-o de forma a possibilitar o reconhecer-se nas suas escolhas bem como, uma vez lançado em sua liberdade e em sua responsabilidade, escolher suas possibilidades (FEIJOO, 2010, p. 30).

Considera-se também o ser humano como possuidor da capacidade de identificar o sentido daquilo que lhe diz respeito, pois carrega consigo a intuição do sentido das coisas que o habilita a captar sua essência (BELLO, 2006).

Assim, o olhar volta-se para o sentido dos fatos, não o fato em si, para a busca compreensiva de sua essência, pois, para o ser humano, uma possível aproximação da verdade, reside no sentido (BELLO, 2006).

Aqui já podemos vislumbrar possibilidades dentro da clínica psicológica.

A fenomenologia, segundo Husserl, pode ser definida como a ciência dos fenômenos, entendendo estes, como o que se mostra à consciência por si mesmo. Trata-se, pois, de uma ciência que se centra na relação indissociável entre sujeito (uma consciência que se volta a) e o objeto visado pela consciência (o que se revela a esta) (SILVA, 2009, p. 139).

A reflexão fenomenológica direciona-se ao mundo da vida, aquele da vivência cotidiana e imediata, na qual pertencemos, vivemos e agimos, por isso, propõe a ser uma ciência descritiva das essências, não dos fatos, mas dos fenômenos que são vividos na realidade manifesta e intuitiva da consciência (FORGHIERI, 2012).

Na Fenomenologia a consciência é compreendida como voltada para fora de si, buscando saber e conhecer o que ocorre a sua volta e indo de encontro com a realidade que a cerca, por isso propõe assumir esse caminho para se revelar o que o analisando vivencia e com qual mundo ele se relaciona para compreender e interpretar os fenômenos apreendidos por sua consciência (RUDIO, 2001).

A Psicoterapia então permite, mediante o método fenomenológico, buscar a verdade do fenômeno, o sentido dado pelo sujeito e desvelar a essência da experiência proveniente da vivência humana que sempre tem consciência de algo e está intimamente entrelaçada com seu mundo (RAFFAELLI, 2004).

O saber clínico aqui proposto corresponde a uma reflexão naquilo que afeta o horizonte de compreensões e disposições afetivas que alteram e influenciam o modo de cuidado no transcorrer do existir (SÁ, 2015).

Alia-se a nossa proposta o entendimento dado pelo Existencialismo que surge como uma corrente filosófica que considera o ser humano como ser-no-mundo, valorizando-o em sua própria subjetividade, liberdade e responsabilidade por suas escolhas (LIMA, 2008).

O projeto de Psicologia e prática clínica aqui buscado tem no pensamento de Martin Heidegger (1889-1976) seu horizonte constitutivo para sua concretização, pois seus ensinamentos possibilitam a consolidação de uma Psicologia Fenomenológico-Existencial (FEIJOO, 2011).

Em relação a terminologia a ser predominante na designação daquele que busca e se encontra na clínica, Heidegger em Seminários de Zollikon, refletindo sobre a estória de Penélope, personagem no livro Odisseia, de Homero, em que tecia de dia e destecia de noite um

tecido, e resgatando o termo grego *analisein*, que em seu sentido originário corresponde a destecer e libertar, “propõe que análise seja entendida em termos de uma atividade onde está implicada uma atenção especial que liberta as amarras daquilo que foi previamente tramado” (FEIJOO, 2015, p. 8).

Assim, a palavra analisando aparece, em nossos estudos, em substituição às terminologias correntes como cliente, por exemplo, que nos remete a uma relação mercadológica, ou paciente, que parece sustentar uma oposição entre agente e um paciente (FEIJOO, 2015, p. 7-8).

A Fenomenologia com Heidegger passa a propor a interpretação da ligação originária e constitutiva do ser e seu espaço existencial no qual se realiza, considerando o ser como uma imbricação relacional entre existência e mundo (FEIJOO, 2011).

A redução de sentido de nosso horizonte histórico e as determinações e solicitações hegemônicas de nosso tempo, a Era da Técnica, bem como a indeterminação e incompletude da existência, suas contrariedades, desencantos e pesares, próprios do viver humano, fazem com que o ser se perda de si mesmo, infringem tensões existenciais, circunscreve possíveis sentidos e fomenta a angústia (FEIJOO, 2015).

A Clínica aqui a ser retratada corresponde a refletir como essa crise existencial, em especial a angústia, pode ser apurada, dissolvendo as ocupações intramundanas, destecendo as cristalizações estabelecidas no modo de ser do analisando e promovendo, se assim o quiser, um reviramento existencial.

Pois, colocando em questão as verdades estabelecidas e suspendendo suas determinações e orientações, torna-se possíveis outras aberturas para possíveis transformações (FEIJOO, 2015), ou seja, “buscar as possibilidades existenciais articuladas estruturalmente no ser da existência” (FEIJOO, 2010, p. 29).

Na clínica psicológica existencial, em que já predomina um modo de pensar questionador das verdades universais e atemporais, pode-se encontrar aquilo que de singular, tonalidade, afeto aparece como força capaz de atuar na transformação da realidade particular. Tudo isso acompanhando aquilo que o outro tem a dizer. O psicólogo existencial pretende, na relação clínica, alcançar pela escuta a experiência, deixar-se guiar pelo outro, em um exercício constante de des-subjetivação. Tudo isso, com a pretensão de sustentar a possibilidade de transformações, ou seja, de deixar – ou, pelo menos, não impedir – aparecerem afetos transformadores (FEIJOO, 2017, p. 117).

Para a clínica, um dos pontos chave corresponde a formulação de Heidegger da questão do reconhecimento e da antecipação da morte por consistir no caráter mais próprio da existência humana e por ser promessa insuperável, certa e irremissível (FEIJOO, 2011).

O entendimento dessa perspectiva antecipatória da finitude, da morte, tem a capacidade de ser um caminho para se dar sentido à vida, permitindo novas aberturas e desencade-

ando potencialidades no ser humano. Nesse defrontar-se com a finitude da existência, seu caráter inerente de ser-para-a-morte, faz com que se contemple o movimento contínuo do ser lançado no mundo, o qual é finito, porém livre e possível (LIMA, 2008).

Como abordado por Teixeira (2006), clínica a qual almeja possibilitar que o analisando transcorra por si mesmo, mediante o conhecer-se e compreender-se em sua existência, passe a construir seu mundo mais autenticamente, descubra-se na relação com os outros e dê sentido às suas escolhas, bem como assuma e exerça a vida de acordo com seu caráter singular e único de forma responsável por si próprio na construção de seu percurso e projeto existencial.

### **1.1 Justificativa**

Esse estudo será realizado a fim de promover um diálogo acadêmico com o intuito compreensivo sobre as potencialidades da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial e suas possibilidades para a possível promoção de uma existência mais autêntica e singular que seja alcançada com a conquista de um entendimento existencial mais próprio e aberto em que se assume a responsabilidade e a liberdade, para aquele que se encontra e busca acolhimento para seu sofrimento na clínica.

### **1.2 Objetivo da pesquisa**

O objetivo desse estudo é abordar as potencialidades do processo psicoterapêutico Fenomenológico-Existencial que se sustenta na escuta e fala e suas possibilidades de promover no analisando, que já é um ser em abertura, uma existência mais plena e autêntica.

### **1.3 Método**

O presente estudo se propõe a contemplar entendimentos acerca das potencialidades da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial e as possibilidades de transformação, assunção da liberdade e existência mais plena e autêntica para aqueles que aí-se-encontram.

Essa proposição só é possível por partir da premissa do ser humano enquanto ser concreto e singular, em constantemente movimento e na busca de superar a si mesmo, bem como responsável e qualificado em descobrir, criar e desenvolver suas inerentes capacidades.

Partiu-se desbravando os saberes e conhecimentos acerca da Psicologia Fenomenológico-Existencial como norte do aprendizado, assim, as diversas leituras foram

encaminhando para um saber acerca dos atributos presentes na clínica que pode elucidar certas trajetórias passíveis de instigar e capacitar o ser para suas alternativas de abertura e transformação.

Isso pode ser afirmado devido ao amparo fornecido pela clínica que acolhe aquele que a procura em estados existenciais conflitivos e sucumbidos no estado de queda que por ventura se encontrem.

O método utilizado nesse estudo foi o da revisão narrativa de literatura pertinente, mediante a realização de levantamento bibliográfico nas produções acadêmicas e científicas que enfocam a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial.

Essa proposta de revisão narrativa de literatura enseja possibilitar uma reflexão que promova contribuições aos estudantes e iniciantes acerca da fascinante clínica psicológica Fenomenológico-Existencial e que também contribua singelamente sobre esse campo de estudo e suas implicações técnicas e teóricas.

O método de investigação utilizado, a revisão narrativa de literatura, deve sua utilização ao que Cordeiro (2007) coloca como uma de suas principais características, que é permitir uma temática mais aberta e com um protocolo mais maleável para sua construção. As fontes para sua elaboração não são pré-determinadas e específicas, mas são selecionadas no transcorrer da pesquisa pelo viés de seleção do próprio autor que é influenciado por sua percepção subjetiva.

Acceta e Feijoo (2022) ressaltam que a escolha dessa estratégia de elaboração de uma pesquisa e estudo se utilizando de revisão narrativa de literatura permite buscar referências bibliográficas que melhor atendam os objetivos de determinada pesquisa.

Portanto, em relação à pesquisa e o método de investigação, para encontrar indicações e trajetórias possíveis para se alcançar tal proposta de estudo, o método proposto de revisão narrativa da literatura se baseia na análise de textos que versem sobre o assunto.

Esse método também condiz e alia-se a uma pesquisa e investigação qualitativa que permite estar “voltada para a descoberta e para a constituição de novos espaços de leitura de fenômenos da realidade” (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 261). “Nessa perspectiva, o pesquisador fenomenólogo coloca-se em posição orientada para a descoberta, ou seja, põe-se aberto para qualquer tipo de conteúdo ou tema que venha a emergir na sua pesquisa” (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 262).

A revisão narrativa que aqui se apresenta, tomou como principais obras e reflexões aquelas amparadas nas contribuições de Heidegger para a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, conjuntamente, se sustentou as reflexões através das formulações e contribuições

de filósofos e, principalmente, de psicoterapeutas que se utilizam e praticam a referida clínica, com destaque para a professora e psicóloga Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo e os aportes e estudos publicados pelo IFEN - Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, referência nos estudos e aplicação do pensamento de Heidegger na Psicologia, bem como na prática e formação para uma Psicologia Clínica de caráter Fenomenológico-Existencial.

Foram selecionados artigos, textos e livros que contemplam, tanto o tema central da investigação, como questões e aspectos chaves que permitissem o entendimento de parte dos caminhos possíveis de compreensão do âmbito Fenomenológico-Existencial da existência predominante na contemporaneidade. Alia-se a esse caminhar questões relativas ao encobrimento das perspectivas de um existir mais pleno e aberto que o cotidiano subtrai na impessoalidade que nos mergulha.

Como via crível para se alcançar a proposta do presente estudo, abordou-se algumas ideias centrais do pensamento de Husserl e Heidegger e da Fenomenologia e do Existencialismo que permitem um pensar sobre o ser humano e a Psicologia, bem como suas potencialidades para uma atuação na clínica psicoterapêutica.

Percorreu-se esse desbravamento mediante investigações, leituras, fichamentos, diálogos e orientações pautadas em publicações acadêmicas e científicas que se propõem as investigações fenomenológicas e existenciais direcionadas e/ou aplicadas à psicoterapia.

Importante norte para as reflexões, além de buscar acessar conhecimentos presentes em diversos autores, corresponde ao amparo filosófico e as implicações para a pesquisa e a clínica psicológica do pensamento de Martin Heidegger. Porém, frente a limitação do escopo dessa pesquisa, bem como a amplitude e complexidade presente nesse pensador, foi utilizado de suas formulações, contribuições e pensamentos filosóficos direcionados à Psicologia, principalmente de forma indireta, ou seja, abordado por outros autores.

As contribuições de Heidegger se fazem centrais na clínica psicoterapêutica aqui almejada, por isso, seu pensamento e contribuições permearão todo o percurso do estudo aqui apresentado, porém, de forma indireta através da pesquisa bibliográfica de pensadores e psicólogos que se utilizam da analítica existencial heideggeriana para o entendimento do ser humano e de suas contribuições para a construção de uma clínica psicológica Fenomenológico-Existencial.

A partir da revisão das literaturas, se mostrou necessário buscar entender o mundo contemporâneo e a forma predominante que permeia o existir humano para permitir apreender

como se está perdendo as aptidões de uma existência mais plena e verdadeira e em que contextos estão sendo promovidos e provocados os sofrimentos que acabam por lançar as pessoas em busca da clínica psicológica. Para se alcançar tais objetivos, são abordadas as ideias e conceitos de Era da Técnica, cotidiano e impessoalidade.

Essas reflexões forneceram elementos para se entender indicações de possíveis caminhos para um contraponto às imposições do mundo contemporâneo, que são o cuidado, a serenidade e o pensamento meditante.

Propõe-se a investigação acerca das tonalidades afetivas, com destaque para a angústia e o ser-para-a-morte, afinações do Ser-aí (*Dasein*) as quais possuem a potencialidade de irromperem com a parcimônia existencial em que se está submerso e o coloque em questionamento passível de desvelar o ser-aí, promova sua abertura para o ser mais próprio e seu inerente caráter de poder-ser.

Para se alcançar tais virtudes será abordada a questão existencial do ser-para-a-morte e da tonalidade afetiva da angústia como disposições importantes a serem contempladas no encontro psicoterapêutico, devido sua exequibilidade para se romper com o cotidiano e a impessoalidade.

Portanto, busca-se nessa presente proposta de estudo alcançar contribuições da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial que permitam ao analisando sua abertura para a existência como possibilidades de seu ser mais próprio. Pois ela carrega consigo a aptidão de acolhimento, escuta e fala transformadoras passíveis de possibilitar, se assim o intencionar, a uma existência mais aberta, autêntica e singular.

Assim, pretende-se apreender a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial enquanto espaço em que se articula o que é dito pelo analisando, acolhe o que é revelado das vicissitudes existenciais e que junto com a fala e a escuta do psicoterapeuta, poder mobilizar viabilidades de transformação e o desvelar-se para sua presença de modo mais originário.

Conjuntamente, foram abordados alguns elementos indicados através das leituras e que se apresentou enquanto atributos do saber-fazer clínico, que são a relação analista-analisando, a relação psicoterapêutica de compreensão e ajuda e a abertura do ser-aí desencadeadas pela apreensão de sua finitude. Elementos esses capazes de potencializá-lo em sua autenticidade.

Desvelar tais conhecimentos, práticas, achados e compreensões se limitam nesse presente trabalho devido ao atual estágio em que se encontra seu autor, a saber, sua primeira investigação Fenomenológico-Existencial, contudo, tem a premissa de ampliar o conhecimento

para se munir com parte dos requisitos necessários para o saber-fazer para uma futura e desejada prática clínica.

Desse modo, pensa-se que os pregressos, atuais e contínuos escritos acerca das temáticas propostas, permitam esmerar os fundamentos subjacentes da prática clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, e, juntamente, vislumbrar a fenomenologia como método de investigação e possibilidade de atuação e aplicação no processo da psicoterapia, bem como, tatear a viabilização de percursos psicoterapêuticos amparados no Existencialismo.

Compreende-se os desafios e até as diversas limitações para apreender a amplitude correspondente aos pensamentos que embasam a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, sua prática e realidade, contudo, esse estudo está se propondo adentrar em seus meandros e contemplar seus saberes e fazeres, possibilitando assim, uma abertura na busca pela profissionalização enquanto psicólogo clínico nessa abordagem que fascina e desafia.

Por fim, acredita-se que investigar o tema proposto e suas intersecções existentes corresponde a uma contribuição ao desenvolvimento da prática clínica.

## 2 A FENOMENOLOGIA E O EXISTENCIALISMO EM DIREÇÃO À CLÍNICA

O objetivo do presente capítulo corresponde a alcançar elementos da Fenomenologia e do Existencialismo que subsidiam e direcionam, mediante suas indicações, entendimentos e compreensões acerca do ser humano e do existir, a formulação e edificação da abordagem Fenomenológico-Existencial na clínica psicológica.

Ponto nevrálgico para o surgimento e desenvolvimento da psicoterapia Fenomenológico-Existencial e aspecto central para a prática da clínica psicológica, proposto pelo existencialismo, é o reconhecimento do ser humano como capaz de constituir a própria história e de ser livre dentro e frente as possibilidades de seu mundo (LIMA, 2008).

Característica essa presente na clínica psicológica Fenomenológico-Existencial no reconhecimento da liberdade inerentemente humana e no respeito ao analisando como capaz em traçar seu próprio caminho, principalmente no espaço vivencial do ambiente favorecedor da clínica (LIMA, 2008).

Tal abordagem se constitui mediante as marcantes contribuições de pensadores fenomenológicos e existenciais, a saber: Edmund Husserl e Martin Heidegger. Diversos outros pensadores do Humanismo, da Fenomenologia e do Existencialismo, contribuíram e contribuem para seu desenvolvimento, como Søren Kierkegaard, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

Contudo, o projeto aqui proposto, constitui-se em traçar um caminho que leve a um entendimento da denominada clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, que se utiliza dos conhecimentos, indicações e formulações que tem Martin Heidegger como expoente e presente orientador.

A Fenomenologia propõe a ser uma ciência dos fenômenos e se contrapõe ao modelo clássico e predominante na ciência praticada nas ciências humanas e sociais, constituindo-se como uma alternativa ao modelo científico praticada na ciência Moderna (SILVA, 2009).

Fenomenologia enquanto palavra advém de duas partes originadas de palavras gregas que denominam: “Fenômeno” que significa aquilo que se mostra, não se limitando aquilo que parece ou aparece, já “Logia” é derivada da palavra *logos* que significa pensamento, capacidade de reflexão (BELLO, 2006).

Assim, Fenomenologia pode ser tida como um refletir, intuir, colocar em perspectiva um fenômeno e aquilo que se mostra e se manifesta a nós, buscando compreender e captar seu significado e sentido (BELLO, 2006).

## 2.1 Husserl

Para a possibilidade de se constituir um entendimento das potencialidades da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, bem como de seus aspectos e abrangência, deve-se contemplar os saberes formulados por Edmund Husserl e sua Fenomenologia. Para isso, traremos as contribuições de diversos pensadores, psicólogos e filósofos que permitem uma melhor aproximação desse amplo pensamento.

Cabe ressaltar que as reflexões aqui buscadas visam os aportes orientadores para a prática clínica devido as configurações possíveis entre a Fenomenologia de Husserl e a Psicologia, pois a Fenomenologia permite concernir o sentido dado aos fatos vivenciados pelos seres humanos, os quais são passíveis de desencadear sofrimento.

Edmond Husserl (1859-1938), filósofo alemão, nascido na Morávia, pertencente aos domínios do Império Austro-húngaro formou-se academicamente, até o doutorado em 1882 em Viena, Áustria, em Matemática. Logo em seguida passa a estudar com Franz Brentano (1838-1917), influenciando-o a ater-se ao estudo da Filosofia (RAFFAELLI, 2004).

Posteriormente passa a desenvolver seus estudos e propõe uma Filosofia como Ciência rigorosa, estabelecendo seu programa de filosofia fenomenológica, a Fenomenologia Pura (RAFFAELLI, 2004).

Por isso é considerado o fundador da Fenomenologia e sua escola filosófica, sendo o seu desenvolvimento iniciado no final do século XIX na Alemanha e se consolidando nas primeiras décadas do século XX (BELLO, 2006).

A Fenomenologia husserliana afirma que para o ser humano é importante captar o sentido daquilo que se apresenta, contudo, nem todas as coisas são prontamente compreendidas e abarcadas em seu sentido. Assim, para alcançar o sentido das coisas, que é uma possibilidade humana, deixa-se de lado aquilo que não queremos compreender e procuramos, mediante o método fenomenológico, o sentido (BELLO, 2006).

O pensamento fenomenológico implica em voltar-se as experiências singulares através da suspensão dos juízos e do que se sabe a respeito do fenômeno que se apresenta, para isso, deve-se partir de uma posição de não-saber para conseguir entrar em contato com algo de forma desprendida e inédita (SILVA, 2009).

Mediante esse procedimento, o fenômeno se mostra e surge sem interferências de valores, sejam eles de cunho científico, religioso ou do conhecimento cotidiano e ordinário, assim, pode-se buscar compreendê-lo em seu modo singular de ser e essência, mediante esse procedimento, o fenômeno diferencia-se das demais coisas e se desvela para a consciência que

procura contemplá-lo. Essa proposta central da Fenomenologia de Husserl é nomeada de redução fenomenológica ou *epoché* (SILVA, 2009).

A Fenomenologia propõe integrar-se a ciência da essência do conhecimento, abandonando a cisão sujeito e objeto e voltando-se a reflexão daquilo que se apresenta para o ser humano, pois só assim é possível chegar ao fenômeno, prescindindo de sistemas de verdades, hipóteses e premissas. Assim, a redução fenomenológica, maneira de promover o conhecimento como evidente em si mesmo pretende mostrar os aspectos e explicitar as estruturas presentes na experiência e permitir que ela transpareça mediante sua descrição daquilo que ali se manifesta (FEIJOO, 2010).

A redução fenomenológica permite a emergência do fenômeno e sua distinção constitutiva das demais outras coisas, permitindo acessar um saber que tenha relação direta entre o fenômeno e a consciência, apreendendo-o como se apresenta e aparece em sua doação de sentido (SILVA, 2009).

A Fenomenologia considera que sujeito e objeto estão correlacionados, pois, diferentemente da redução dos objetos em si próprios, há uma consciência intencional, ou seja, a consciência está vinculada e direcionada a algo a ser investido de intenções. A vivência enquanto fenômeno é passível de ser conhecida diretamente, sem intermediários, pelos sentidos e sensações promovidas (FEIJOO, 2010).

Assim, se contrapõe à Ciência e a metodologia científica moderna predominante que se estabeleceu e se desenvolve na cisão entre sujeito e objeto. Objetos esses que devem ser explicados, fragmentados, separados e escrutinados dentro de formulações teóricas e leis derivadas dessa compartimentalização. Com isso, antes mesmo do contato com o fenômeno, algo já é enunciado acerca do mesmo (SILVA, 2009).

Novamente temos elementos passíveis de direcionamentos na clínica psicológica, pois a Fenomenologia enseja uma Psicologia descritiva que edificasse na busca do encontro das essências que podem ser encontradas nas evidências (FEIJOO, 2010).

Contudo, Husserl mostra que a experiência vivencial do meio que habitamos e do momento histórico em que coexistimos é revelada em nosso pensamento, ou seja, uma consciência histórica, assim, estando a consciência mergulhada nesse fluxo temporal e cerceada pelo vivencial, deve-se suspender o entendimento presente para olhar o caráter de experimentar as coisas e descrever o vivido (FEIJOO, 2010).

Desse modo, se acessa o fenômeno com o método da redução fenomenológica que se realiza através da suspensão consciente das teorias científicas, crenças, valores e preconcei-

tos existentes, para assim, se ir ao encontro do fenômeno mediante indagações que proporcionam o conhecimento. Apreender o mundo nesse método necessita de uma postura e análise intencional que busca a essência do fenômeno (LIMA, 2008).

Husserl desenvolve perspectivas pertinentes a uma Psicologia possível e que seria aquela que parte de uma concepção de mundo fundada na Fenomenologia, essencialmente baseada na experiência, em eventos reais, os quais inserem os sujeitos pertencentes ao seu mundo espacialmente e historicamente delimitados, ou seja, a sua realidade que lhe é conferido sentido a partir de si mesmo (RAFFAELLI, 2004).

O conhecimento deve apropriar-se das essências das coisas a partir da atribuição de sentido dado pela consciência de um sujeito, portanto, o fenômeno é indissociável da subjetividade, mesmo porque o ser vivencial traz consigo uma dimensão não observável e que transcende seus limites físicos, pois a existência humana é rica e imbricada com relações de temporalidade, alteridade, sentimentos e buscas, daí a possibilidade da elaboração e ação de um fazer psicológico fundado num fazer fenomenológico. Assim, centraliza a subjetividade como objeto próprio da Psicologia diferentemente da ciência clássica e seu compromisso com a objetividade (SILVA, 2009).

Esse saber articula-se da impossibilidade da Psicologia somente empírica, ser incapaz de apreender a constituição originária das coisas, pois ela limita-se a objetividade. Já o olhar husserliano e a latente Psicoterapia derivada, implica o olhar para a atribuição de significado e sentido dado pela consciência a toda a relação existente entre o sujeito e o objeto (SILVA, 2009).

Husserl rompe com a ideia do psiquismo constituído psicofisicamente e originário e propõe um pensar na Psicologia via método fenomenológico através da noção de intencionalidade, prescindindo de teorias (FEIJOO, 2011).

O filósofo fundador propriamente dito da fenomenologia vai considerar a intencionalidade o elemento mais original a partir do qual tudo se dá a conhecer. A fenomenologia, tal como elaborada por Husserl, propõe um método que consiste em, uma vez frente ao fenômeno, poder assumir uma atitude analítica e reflexiva para chegar às coisas em sua ação originária. Ele pretende com seu método antinatural elucidar o sentido íntimo das coisas. Por meio do método fenomenológico, em um constante esforço de suspensão das pressuposições, assumindo uma atitude de análise e reflexão, é que Husserl vai investigar a consciência (FEIJOO, 2011, p. 26).

Destaque e importância da natureza intencional dos fenômenos psíquicos, pois vai permitir elucidar uma relevante postura a ser adotada em uma Psicologia de bases fenomenológicas, pois supera os pressupostos de um psiquismo com sentidos e determinações já dadas e transforma o sentido da noção de fenômenos psíquicos (FEIJOO, 2011).

A consciência transcende a si e em sua projeção no mundo, assim, uma consciência como intencionalidade. O eu, não está cindido do mundo, mas em um fluxo de vivências reais que o configura e o reatualiza constantemente (FEIJOO, 2011).

Assim sendo, a Fenomenologia de Husserl propõe pensar a Psicologia para além da consideração de uma forma de epifenômeno da fisiologia como a pretendida pela psicofisiologia que se desvia da busca por uma base transcendental. A experiência fenomenológica se constitui como uma intuição que abarca o caráter mundano do existir humano, contribuindo assim para uma Psicologia que necessita ter em seu fazer o fático da existência, pois é no mundo o lugar onde a vida se faz (FEIJOO, 2011).

Contudo, o Existencialismo vem a questionar o que Husserl considerava como exigência para a redução fenomenológica, a consciência pura, devido a impossibilidade de se abstrair e suspender totalmente de preconceitos e valores, como afirmado por Merleau-Ponty, segundo Lima (2008, p. 31):

a consciência é constituída de interferências constantes do mundo, numa correlação intersubjetiva em constante ambiguidade. É a existência precedendo a essência. O homem passa a se constituir a partir do momento em que ele existe, vive, cogita e estabelece suas crenças. Os valores que vão sendo formulados passam a fazer parte de suas escolhas e da sua relação com o mundo.

O Existencialismo desenvolve-se considerando o ser humano como ser-no-mundo e possuindo de forma valorativa sua própria subjetividade, responsabilidade por escolhas e liberdade, assim, passa a constituir uma Psicologia como ciência compreensiva com influência da Fenomenologia e mediada pelos entendimentos existencialistas (LIMA, 2008).

Pensador de destaque no Existencialismo devido suas contribuições foi e é Sören Kierkegaard, bem como Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Jean Paul Sartre. Kierkegaard (1813-1855) pode ser considerado o pensador pioneiro no Existencialismo devido sua influência sobre os pensadores que o seguiram (LIMA, 2008).

Kierkegaard traz a centralidade e a busca pela existência autêntica mediante um conhecimento que tenha a subjetividade como sustentação para se alcançar o sentido das coisas que perpassam o modo como a pessoa se relaciona e percebe as coisas, objetos ou fatos, assim, o sentido e a verdade encontram-se no próprio existir e no eu (LIMA, 2008).

## 2.2 Heidegger

Frente a essas contribuições e nova maneira de perceber a existência humana, pode-se aproximar agora do pensamento de Martin Heidegger (1889-1976), pensador central para a

clínica psicológica Fenomenológico-Existencial e sustentação para a formulação da pesquisa aqui proposta.

Heidegger constrói sua ontologia fenomenológica partindo das posições de Husserl sobre o caráter intencional da existência e da atitude antinatural como modo de investigar o fenômeno do existir, contudo, reformula a ideia de consciência e mantêm a intencionalidade como *locus* onde acontece a existência (FEIJOO, 2011).

Heidegger considera que o ser humano, o *Dasein* (ser-no-mundo) e o mundo antecedem a consciência, pois o existir como totalidade não cinde o eu do mundo. Para compreendê-lo, tem-se de abarcar a determinação do ser da presença. A pre-sença é compreensão de si mesma devido sua própria possibilidade realizada ou não (LIMA, 2008).

Ponto central na proposta aqui desenvolvida são as reflexões heideggerianas do ser humano enquanto ser lançado no mundo, no qual é livre e contém o possível, contudo, é finito devido a seu caráter de ser-para-a-morte. Reconhecer a finitude da existência e a própria morte, oportuniza dar sentido à vida e promove uma abertura desencadeante de possibilidades no ser humano (LIMA, 2008).

Cada presença deve, ela mesma e a cada vez, assumir a sua própria morte. Na medida em que “é”, a morte é essencialmente e cada vez, minha. E de fato, significa uma possibilidade ontológica singular, na medida em que coloca totalmente em jogo o ser próprio de cada pre-sença. No morrer, evidencia-se que, ontologicamente, a morte se constitui pela existência e por ser, cada vez, minha. O morrer não é, de forma alguma, um dado, mas um fenômeno a ser compreendido existencialmente num sentido privilegiado, o qual deve ser delimitado mais de perto (HEIDEGGER, 2005, p. 20).

Como elaborado em *Ser e Tempo* de Heidegger, podemos compreender que a substância do ser humano condiz com sua existência (*Dasein*). Existência humana essa, que para ser compreendida (a qual não possui um a priori, uma substancialidade, ou mesmo uma concepção de realidade que a defina), deve ser entendida em suas interrelações com o mundo, nas relações com suas possibilidades de ser e nas apropriações estabelecidas no espaço aberto pelo horizonte histórico em que se configura (MAGLIANO, 2019).

Para analisarmos o ser do humano, devemos observar o seu modo de ser mais comum e ordinário, ou seja, seu cotidiano. Nesse ponto, pode-se inferir que ele está constantemente absorto na impessoalidade da vida, reproduzindo anseios e papéis determinados socialmente, sem contemplar ou mesmo possibilitar uma abertura à existência de seu ser, estando assim, afastado de suas capacidades de um existir autêntico, e mesmo não existindo em suas possibilidades mais autênticas (FEIJOO, 2002).

Isso se deve a noção de poder-ser, que é resultado de uma compreensão de que o existir está intimamente relacionado com possibilidades de ser, ou seja, não se está estagnado

e nem definido, mas a existência está aberta para se constituir e estabelecer novas e diferentes relações, assim, se fazendo como ser (MAGLIANO, 2019).

Mediante a abertura para novas experiências e relações, do e no existir, pode-se permitir um poder-ser, uma expressão do sentido da existência humana, em sua expressão singular, que é a condição de abertura ao mundo e às suas possibilidades. Experiências essas que reformulam e promovem mudanças e alternativas, não apenas para o ser em si, mas para todos os outros existentes de seu mundo (MAGLIANO, 2019).

Pode-se aclarar que é necessário, em diversos momentos da existência, um movimento de irrupção de si mesmo, um lançamento ao mundo, uma ultrapassagem de sua realidade já dada, assim, desbravando a dimensão das possibilidades de ser, do existir e da existência em si.

Heidegger articula um posicionamento para alcançar o sentido do ser partindo do existente humano em sua experiência que continuamente vai se afirmando em suas possibilidades concretas (FEIJOO, 2002).

A perspectiva hermenêutica de Heidegger aplicada na clínica psicológica Fenomenológico-Existencial vai permitir acessar o ser-aí em suas estruturas ontológicas essenciais, pois, por meio dessa perspectiva destinada para a fala e a escuta, se desvela ser possível acessar, mediante o diálogo e o acolhimento, o sentido. Assim, tem-se a virtude de fundar uma psicoterapia que alcance o ser na sua cotidianidade e revele a articulação das interpretações e dos sentimentos que o ser traz à clínica frente a sua relação com o mundo (FEIJOO, 2002, 2010).

Hermenêutica provém de Hermes, deidade grega que era mensageiro divino que, por se fazer presente e prestar ouvidos, levava o conhecimento, bem como habitava a casa do outro. Hermenêutica então, significa interpretar algo dado sem alterar seu sentido (FEIJOO, 2010).

A hermenêutica corresponde a ciência que trata dos caminhos, regras e fins da interpretação, assim, torna-se possível a busca por compreender o discurso do outro mediante o saber constituído na relação entre a fala, a escuta e os seres aí-presentes (FEIJOO, 2010).

Heidegger apresenta como centralidade de suas reflexões o ser, acreditando que a reflexão do existente é possível, e prevalente caminho, para alcançar o seu sentido. Para tal propósito, parte da análise do *Dasein* (ser-aí) (pre-sença), denominação que visa substituir a palavra sujeito (pois é interpretado como substancializado), que considera o ser estando em relação e abertura para com o mundo. Portanto, *Dasein* (ser-aí) corresponde ao ser lançado no mundo e sua singular presença está imbuída de possibilidades e existência, existência essa que antecede a própria essência (FEIJOO, 2010).

Em *Ser e Tempo*, Heidegger distingue dois planos: o ôntico e o ontológico. O ôntico é o plano relacionado à elucidação da existência do *Dasein*; o ontológico é o plano da apresentação das estruturas existenciais do ser. As estruturas existenciais – denominadas de Existenciais fundamentais constituintes do *Dasein* – são: a temporalidade, a espacialidade, o ser-com-o-outro, a disposição, a compreensão, o cuidado (*Sorge*), a queda e o ser-para-a-morte. A existência do *Dasein*, caracterizada pela abertura do mundo e do sentido do ser e pela liberdade, se dá dentro destes existenciais, de maneira que as condições de possibilidade de uma existência dependerão dos horizontes da própria condição humana (PEREIRA, 2001, p. 727).

*Dasein* (ser-aí) possui o caráter de singularidade, o ser-do-ente é a existência, ser-aí é o ente em que sua essência corresponde o existir, e é marcado pela necessidade de ter de ser, por isso, o próprio ser tem de se responsabilizar e se assumir enquanto tal. Nesse poder-ser, abre-se o caráter de incompletude ontológica que joga o ser em um contínuo vir-a-ser, pois nessa indeterminação fundamental e no caráter de poder-ser, está sempre lançado no mundo (FEIJOO, 2010).

A essência é derivada da existência, portanto, o ser está entrelaçado ao seu modo de ser e suas propriedades correspondem a seus modos possíveis de existir. Existir como *Dasein* é romper com uma possível objetivação, pois ele é aberto, não determinado e fluído, ele é constituído na abertura do mundo (FEIJOO, 2010).

O *dasein*, categoria central da analítica existencial, implica na essencial relação do existente com o seu mundo. Existir é estar inevitavelmente situado no e projetado para o mundo. Como este mundo é composto, entre outras "coisas", por outros sujeitos, o *dasein* é igualmente ser com, (*mitsein*), estar voltado para outros sujeitos. A existência nunca resulta de uma livre opção por existir, e por isso o sentimento original do existente é o de ter sido lançado numa situação (FIGUEIREDO, 1991, p. 183).

Busca-se o sentido do ser no modo como ele se dá imediatamente, diretamente, como se mostra em si mesmo, transparecendo o seu modo próprio a partir de si mesmo, Heidegger denomina essa fazer metodológico como hermenêutico, considerando esse o caminho de investigação do ser (FEIJOO, 2010).

Heidegger desenvolve seu método constituindo-o por meio da analítica da existencialidade do modo de ser do humano, o qual promove a doação de sentidos no e do fenômeno que se mostra em si mesmo. Assim, a atitude fenomenológica proposta, permite que o ser se mostre e que se trace um caminho para a descoberta do sentido do ser (FEIJOO, 2010).

Esse modo de proceder de Heidegger, investiga e busca o sentido assumindo uma ontologia que almeja explicitar o ser-do-ente no que ele tem de originário, algo perdido pela ciência e filosofia moderna que se distanciou da presença do sentido na própria razão (FEIJOO, 2017).

O sentido do ser pode emergir e transparecer a partir daquilo que todos os seres humanos carregam, que é a possibilidade de questionar e investigar a si, pois o próprio ser do

humano apresenta uma singular compreensão e interpretação, as quais apresentam suas possibilidades existenciais. Para isso, Heidegger propõe que se parta da cotidianidade mediana, facticidade do mundo, ocupações do impessoal e de dentro do horizonte histórico no qual o ser está imerso, para aí sim, revelar seu modo de ser (FEIJOO, 2017).

Heidegger acredita que é a fala que permite guiar a investigação imbuída no próprio diálogo, sendo ele dado em liberdade, revela-se o ser no acontecimento das palavras, gestos, silêncios e comportamentos (FEIJOO; PROTÁSIO; SÁ, 2019b).

O falar é expressar algo que se exterioriza, é próprio da natureza humana, sua atividade por excelência, representa, expõe. Na fala, os ânimos se fazem presentes, como a visão de mundo, constitui sentido, corresponde a escuta, bem como enquanto escuta. Portanto, a fala compreende a fala e a escuta, pois se fala incorporando a escuta, responde e corresponde (FEIJOO; PROTÁSIO; SÁ, 2019b).

A busca da questão do ser ocorre no questionamento, no desenvolvimento do sentido do ser de forma dinâmica e contínua, não na sua origem. A tentativa do desvelamento do sentido do ser deve ocorrer no questionamento, na pergunta e na interrogação (FEIJOO, 2015).

O questionamento busca o sentido, sem direção prévia do si próprio, refere-se a sua humanidade e a seu acesso, para isso, depende da presença do questionado e do interrogado. A pergunta reside na busca do sentido do ser, *locus* intencionado e meta do questionado. E se o que procura é ciente pelas partes, transforma-se a investigação e o questionamento em busca libertadora de possibilidades (FEIJOO, 2015).

Assim, transposta ao contexto clínico:

A psicoterapia terá como objetivos proporcionar ao próprio sujeito (paciente) uma compreensão de si e uma reestruturação das suas formas de estar no mundo e comunicar-lhe que abra novas possibilidades de existir, devolvendo-lhe a capacidade de dispor de suas possibilidades mais próprias e autênticas de existência (FIGUEIREDO, 1991, p. 184).

Contudo, devemos considerar a impropriedade e a cotidianidade como possível ponto de partida para uma analítica da existência que contemple os caminhos da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial.

O ser-aí encontra-se tanto na propriedade como na impropriedade, mesmo com seu caráter de indeterminação, contudo, na maior parte das vezes é abarcado pela impropriedade, por isso, para melhor compreender o ser-aí, deve-se discorrer acerca da cotidianidade que o absorve (FEIJOO, 2010).

A análise existencial parte de como o ser-aí se ocupa e se revela em seu dia a dia, em seus afazeres e ocupações, revelando como se encontra irrefletidamente lançado em seu

modo de ser. A existência cotidiana permite iniciar o questionamento do sentido do ser. O entendimento de si-mesmo na instância cotidiana chama-se compreensão pré-ontológica, correspondendo a uma maneira irrefletida que mantém o ser-aí alheio, em sua quase totalidade, a sua própria dinâmica existencial (FEIJOO, 2010, 2011).

O ser-aí tende a decair na cotidianidade, este estar pré-ontológico, se orientar e reconhecer nele, conjuntamente, também se situa irrefletidamente na tradição. Essa situação acaba por retirar ou dificultar a capacidade de agir singularmente, pois orienta-se por sentidos advindos dessa consuetudinária, assim, o ser-aí enraizasse em seu mundo e momento histórico, tornando-os como absolutos (FEIJOO, 2010).

Nesse ponto, vislumbra-se como a filosofia de Heidegger contribui para a construção da clínica Fenomenológico-Existencial, visto que nela está contida a busca por fazer transparecer a questão do ser em sua originalidade, despindo-o, procurando atingir de forma o mais livre possível as determinações essenciais do sentido do ser.

Ao se questionar o sentido do ser, faz-se uma experiência iluminadora e instaura sentido de mundo, mesmo porque ele já está presente no horizonte no qual o ser humano se move, questionar e descrevê-lo permite sua elucidação (GUIMARÃES, 2014).

A proposta é o retorno do ser-aí ao lugar não mais reconhecido e habitado, lugar que detém a potencial iluminação do ser. Para tal propósito, é necessário lembrá-lo a reconquistar aquela adormecida existência que se realiza perpetuamente mediante a abertura de mundo proporcionada pelo campo existencial que já o é enquanto *Dasein* (COSTA, 2015).

Não se pretende desqualificar a vida que se vive, aquela que está em vigor justificada e valorizada pelo horizonte histórico, cotidiano e impróprio, pois se assim fosse, assumir-se-ia uma conotação moralista que busca prescrever um modo “correto” de se viver e emitir-se-ia um juízo de valor (GUIMARÃES, 2014).

O que importa em perguntar, questionar e escrutinar, é o que possibilita tal postura perante o mundo, para que o ser-aí se dê conta da incessante existência que não cessa de acontecer (GUIMARÃES, 2014).

A proposta de Heidegger que concerne à clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, é a de aproximar, elucidar e assumir, por parte daquele que a procura, de seu próprio momento histórico que o constitui, pois ele já é, existe, possui seu referencial e já compreende o seu ser (GUIMARÃES, 2014).

Para isso, é demandada uma aproximação e aprofundamento nas condições existentes do relacionamento do ser-aí consigo mesmo e com o mundo, pois as evidências compartilhadas do cotidiano representa um dos caminhos possíveis para reconhecer seus referenciais

constitutivos e afastar-se de suas arbitrariedades. Permitindo assim, emergir a imprescindibilidade de suas condições de possibilidade (GUIMARÃES, 2014).

O mundo, em Heidegger, perfaz a existência em sua totalidade, pois existir correlaciona-se a ele, mundo e ser humano são complementares, pois fenomenologicamente se é intencionalidade e movimento, sustenta-se no mundo o relacionar, a dinâmica existencial e as infinitas possibilidades do ser-aí (LIMA, 2014).

Deve haver clareza que o ser-aí aglutina em si a existência (ser) e seu espaço específico no qual se concretiza (aí), conjuntamente, no processo de investigação e manifesto conhecer, o ser-no-mundo, expressão utilizada por Heidegger, demonstra e corresponde a determinação existencial do *Dasein* em seu co-pertencimento (COSTA, 2015).

Existência é coexistência, é relação com o ambiente, as coisas, os utensílios e os demais seres humanos, ou seja, com o mundo e dentro de um horizonte histórico. No mundo em que se vive, se é constantemente chamado a respondê-lo e por ele a ser determinado, contudo, a existência precisa transpor essas determinações, ir além, para buscar suas potencialidades dentro de suas possibilidades e aberturas (LIMA, 2014).

Compreende-se então que o mundo e a existência têm como elemento central o ser humano, que carrega consigo potencial e é capaz de buscar suas próprias soluções para os seus problemas, bem como que cada ser humano é um ser singular, diferente dos demais, único.

Frente ao que foi contemplado e apreendido, deve ser almejado lançar aquele que busca a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial a uma aventura, que se usando da inquietude, lançá-lo-á ao devir permanente da existência e que no desabrochar incessante, não mais se cristalice em sua vida.

A existência autêntica caracteriza-se pela responsabilidade pessoal, pelo inacabamento e pela transcendência, no sentido da capacidade de ultrapassar constantemente a situação e a realização, assumindo o passado, compreendendo o presente virtual e negando-os mediante um projeto livre e autodeterminado (FIGUEIREDO, 1991, p. 183).

Portanto, a procura representada por esse estudo, bem como a busca por um clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, direciona-se para reflexões acerca de posicionamentos passíveis de promover a liberdade, do caráter temporal do ser, da existência como fluxo contínuo e imersa em um mundo, bem como de suas possibilidades inerentes e sua abertura mais própria.

### 3 ERA DA TÉCNICA, COTIDIANO E IMPESSOALIDADE

A técnica sempre esteve presente na humanidade, pois corresponde ao modo e meio de se produzir algo, contudo, no mundo contemporâneo, a “questão da técnica” colocada e discutida por Heidegger, condiz com a técnica de nossa época em que o que é produzido, o é de forma cada vez mais rápida e em constante busca de melhoramentos e renovações, aspectos esses que transbordam os artefatos e se impõem, atingem e passam a configurar e moldar os seres humanos, suas relações, organizações e afetos (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

Os pressupostos formativos e constitutivos que regem a referida técnica, encontram-se em um amplo processo de retirada e descoberta dos mistérios e no império do poder da razão e da vontade humana. A natureza se torna matéria-prima a ser transformada e utilizada, pois é entendida como recursos a serviços dos homens e a seu modo de explorar (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

Ponto de compreensão para nosso estudo está na amplitude a que estamos no poder de manipulação, transformação e imposição da técnica, que é sua abrangência sobre os seres humanos, pois o próprio ser passa a subsistir enquanto fundo de reserva e material humano, em prontidão a ser exigido pela técnica e seus afazeres e ser absorvido pelos ditames produtivistas que buscam incessantemente a sua otimização (DUTRA, 2019).

Desde Platão até nossos dias, conhecer significa apoderar-se, alçar-se a uma posição de poder, de controle do mundo à nossa volta. No Ocidente, isso foi realizado de uma maneira fantasticamente eficiente, o que se tornou um problema: cada nova conquista do conhecimento significa mais poder e controle dos vários segmentos da realidade, mas, no campo das relações humanas, isso quer dizer poder e controle sobre outros homens (POMPEIA; SAPIENZA, 2004, p 211-212).

Nesse ponto devemos compreender que as nuances e dimensões da vida passam por esse crivo imperativo da técnica, pois até as áreas da vida como lazer, relacionamentos amorosos e familiares, descanso entre outros da dita vida pessoal, estão colocados sobre os ditames propostos em nossa época.

O cuidado que exercemos em nossas vidas, como os correspondentes ao psíquico, corporal e vida social, estão subjugados a técnica e ao mercado que tudo mercantiliza e explora. Assim, o ser humano é absorvido pela vontade da técnica e mergulhado na impessoalidade (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

Aquilo em nossa época que não é passível de produtividade e não se enquadre em seus objetivos quantificadores, ou seja, não se encaixe no pensamento calculante, não é digno de ser refletido e pensado, com isso, se pensa apenas no que pode ser reduzido ao imediato, encolhendo o horizonte de nossas existências (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

Heidegger (1959) esclarece sobre dois tipos de pensamento: calculante e meditante. O pensamento calculante, marca do modo de pensar dominante em nossa época, diz respeito ao pensar que antecipa, controla e determina como as coisas devem ser, consoante a soberania da vontade humana (FEIJOO, 2017, p. 81).

A técnica predominante torna-se autônoma e impessoal em relação aos seres humanos, sua instrumentalidade direciona-se ao uso, não importando qual e por quem, desde que apreendida e encaminhada aos seus objetivos. Propósitos definidos, especificados e padronizados, voltados ao consumo desde celulares à felicidade, devem estar disponíveis e vorazmente absorvidos, desejados e dejetados, novamente, não importa a quem, desde que cumpram exatamente seus desígnios (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

Torna-se inútil e desnecessário aquilo que não tem utilidade prática, pois na sociedade industrial moderna o necessário é aquilo que é imediatamente conveniente e voltado a atingir determinados fins. Volta-se para a natureza para dela extrair seu potencial energético e, o assim chamado, recursos naturais, pois nesse afunilamento utilitarista e técnico contemporâneo, as coisas apenas são valorizadas se elas puderem ser transformadas em necessárias e a serviço do contentamento e conforto humano (FEIJOO, 2010).

Por retroalimentar os ditames vigentes da Era da Técnica, os preceitos e intentos alcançados se refazem em um ciclo obstinado de mais técnica, absorvendo e transformando os seres humanos em dependentes e sedentos pela e para a técnica, desse jeito, ela transpôs seus criadores e passa a ser onipresente e ter o controle, poder esse que se esvai das mãos humanas e se autorreproduz em um ciclo permanente que se faz mais e mais presente no mundo e na vida, permeando imaginários, afetos e subjetividades (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

A técnica na contemporaneidade caracteriza-se por sua função interventora e calculista, mensura e modifica para explorar recursos voltados à produção e consumo, num círculo vicioso e contumaz. Os avanços tecnológicos e o progresso são realizados em si mesmos, voltados a maximizarem suas próprias finalidades. Propósitos esses que não estão mais a serviço do ser humano, pois além de provocar e extrair os recursos da natureza, agora são os recursos da própria natureza humana que são exauridos (FEIJOO, 2010).

Vivemos assim, num paradoxo: o avanço técnico (principalmente relacionado à inteligência artificial, à automação, aos algoritmos, à internet,) produz cada vez mais, não a libertação - conforme o credo iluminista -, mas a subsunção da existência às determinações de uma objetividade fetiche. Ou seja, quanto mais o mundo se potencializa, autonomiza e se estrutura conforme a inteligência artificial, a microeletrônica, os algoritmos, a robótica, os alimentos geneticamente fabricados, mais o mundo das "coisas" (mortas) sobrepõem-se e anula o mundo dos seres vivos, das possibilidades existenciais, das potencialidades subjetivas singulares e coletivas. A razão iluminista, desse modo, como essencialidade da técnica, cria uma estrutura de mundo desumana que dispensa o humano, ou seja, um trabalho sem artífice-artesão, uma política sem sujeito da polis, um corpo sem afeto (CASTRO, 2020, p. 202).

Essas reflexões amparam-se em Heidegger, que em seu texto denominado “A questão da técnica” afirma que a técnica moderna, que desvela a realidade para então a manipular e controlar é o modo de pensar denominado de calculante, o qual constitui o atual horizonte histórico (RODRIGUES, 2004).

Esse modo de pensar utilitário e sua necessidade de controle e manipulação não pertence mais aos seres humanos, mas os integra a ela, visto que o ser-no-mundo vai se constituindo no horizonte histórico já dado no qual se insere. Dentro deste contexto, as referências do mundo marcam quem e como são, bem como suas identidades. Essa forma de estar no mundo é denominada de impessoal (RODRIGUES, 2004).

Posto isso, a existência no mundo, o diálogo e a comunicação que são estabelecidas a partir desse referencial constitui o modo como desvela-se o entendimento das coisas, compreensões essas situadas historicamente e marcadas pela técnica moderna (RODRIGUES, 2004).

No entanto, Heidegger não se opõe à técnica, mas indica a preocupação acerca do perigo que ela representa na contemporaneidade, a saber, o perder-se na técnica e o esquecimento do ser mais próprio. Frente a isso, propõe que se repense e busque o sentido da técnica, sua essência, que nos gregos antigos, consistia em saber, não em fazer (FEIJOO, 2010).

Como indica Heidegger, não é possível alçar uma fuga total do horizonte histórico e suas confabulações, contudo, há a possibilidade de buscar um ser mais próprio, em sua condição de vir a ser e de abertura, por meio de um pensamento meditante, constituindo assim, uma relação libertadora (RODRIGUES, 2004).

O pensamento meditante se contrapõe ao pensamento dominante, o pensamento calculante, que é o pensar representacional, que busca desvelar tudo e todos, instrumentalizar a vida e os entes, atingir resultados práticos e imediatos, elementos esses característicos da técnica moderna, pretendo modo único de pensar (RODRIGUES, 2004).

A imersão no mundo da técnica, que se configura impositivamente nas ordens da objetividade, controle e pressa, não condizem com a percepção de psicoterapia aqui assumida (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

No referencial aqui estudado, em seu direcionamento à clínica, tem como um de seus pressupostos, reconhecer frente ao analisando que indaga acerca das garantias, e até mesmo da cura, que a psicoterapia Fenomenológico-Existencial aqui assumida, leva tempo e não visa a cura (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

Não estamos, com isso, demonizando o pensamento que calcula, obviamente; ele é necessário e constituinte do modo de ser do homem. O que estamos tentando esclarecer é que meditar sobre as coisas consiste em se deixar tomar pelas coisas, abdicando de querer com toda força que as coisas se deem ao seu modo. Isso não quer dizer que para exercer o pensamento que medita não temos que despende o mesmo esforço e

treinamento demorado que despendemos quando calculamos. A diferença é que no pensamento calculante exige-se rapidez e resultados; no meditante, exercita-se o aguardar, o deixar que as coisas se deem em seu tempo (FEIJOO, 2019, p. 77).

Perfazendo a abrangência da analítica existencial de Heidegger direcionada à clínica, é possível agora se ater na distinção de existência própria e imprópria.

A compreensão do mundo (preliminar) que configura o *Dasein*, parte das pré-concepções do período histórico, do entorno social e da cotidianidade mediana. Assim, sua facticidade de estar-lançado o implica nos relacionamentos com o mundo que o apreende em sua compreensão e articulação, esse é o modo impróprio que marca o ser-aí (MAGLIANO, 2019).

A cotidianidade mediana realiza o ser-aí em estado de encobrimento e dispersão, aderindo-o a uma compreensão de mundo que é fornecida pela convivência realizada que o absorve acriticamente. Suas concepções correspondem e aliam-se ao geral de sua cultura e época, ou seja, sua orientação advém do discurso do impessoal, o que acaba por corresponder a um modo descomprometido e superficial de se relacionar com as coisas (MAGLIANO, 2019).

O termo impessoal designa, para Heidegger, a presença das prescrições e orientações do modo de ser provenientes da instância das interações sociais, que veicula as concepções e ideias e o modo de se proceder e se comportar, o que acaba por absorver o *Dasein* em uma passividade apropriativa do mundo. Negligenciando sua constituição fundamental de abertura e singularidade devido à realização de sua existência cotidiana na reprodução daquilo que dita seu meio, o impessoal (MAGLIANO, 2019).

O *Dasein* assume uma compreensão do mundo sustentada na visão e juízo provenientes da mentalidade pública, um horizonte compreensivo compartilhado com os demais seres humanos, coexistindo, convivendo, pois, seu ser-no-mundo é sempre ser-no-mundo-com ou ser-com (MAGLIANO, 2019).

O estar-lançado da existência no mundo da cotidianidade é originalmente imprópria, o que Heidegger chama de condição de queda ou decadência. No plano coletivo de compreensão de mundo encontram-se as ideias e opiniões da cultura e época, a interação social e o convívio, ou seja, apresenta os referenciais do mundo que habita, contudo, é em seu desvelar e compreensão que é possível encontrar os referenciais fundamentais da abertura ao mundo (MAGLIANO, 2019).

Decadência corresponde ao *Dasein* lançado às interpretações do cotidiano impessoal, contudo, é partindo do cotidiano e do impessoal que se constitui, mediante a disposição, compreensão e discurso presente, que é possível realizar uma abertura através do modo do fatatório, da ambiguidade e da curiosidade (MAGLIANO, 2019).

O discurso, no modo de ser cotidiano, se mostra como "falatório" impessoal. Esse modo de habitar o mundo diz respeito a um adormecimento da existência no discurso, na compreensão e na disposição dominantes como a realidade comum a todo mundo. Escuta-se, fala-se, opina-se, discute-se como todos fazem, como se faz, movendo-se dentro de uma atmosfera comum e se ocupando com as coisas ditas e projetadas a partir desse projeto impessoal. Sempre compreendendo por alto ou mais ou menos, sem reflexão. Na "curiosidade", outro traço constitutivo da impessoalidade cotidiana, a compreensão se mostra como uma ausência de apropriação e um nivelamento de tudo que se encontra no mundo. Busca-se sempre a novidade para, assim que alcançada, correr para outra. Não se consegue demorar diante do mesmo, pois ele se torna vazio e entediante. Mas, ao invés de despertar esse tédio, sonha-se com uma quantidade cada vez maior de informações e vivências que ocupem o aberto esvaziado da existência. A ambiguidade também é destacada como um traço existencial da cotidianidade mediana. O ser-aí é sempre ambíguo em seu modo de ser cotidiano, porque essa ambiguidade é necessária para que ele tenha a impressão de tudo compreender e criticar de modo pessoal, mesmo sem realizar uma apropriação de si mesmo (SÁ; VIEIRA, 2019, p. 97).

Dessa maneira, temos a abertura cotidiana que se encontra no *Dasein* por empenhar-se na convivência e no viver coletivamente, a problemática encontra-se na dispensa e obscurecimento de se apropriar das coisas de forma efetiva e afastar o ser-aí de seu modo de ser mais próprio, caracterizando uma entrega à tutela dos outros e uma tendência a quase sempre decair na mediocridade (comum) de seu mundo e perder-se de si mesmo (MAGLIANO, 2019)

Considera-se o *Dasein* existindo como pertencendo, na maior parte das vezes, ao mundo e a interpretação do cotidiano impessoal, originariamente impróprio, do qual não pode se desvencilhar completamente. Na impropriedade, o modo de ser não alcança uma verdadeira abertura as coisas ao se atrelar ao encobrimento do impessoal e seus infundados e superficiais entendimentos (MAGLIANO, 2019).

Pois:

A impessoalidade não permite que vejamos com clareza o nosso caráter mais próprio, pois estamos sempre entregues e tomados pelas demandas do mundo que fala e mostra quem somos e o que são as coisas. Nosso campo de jogo existencial se restringe, na maior parte das vezes, às compreensões afetivamente dispostas do impessoal (SÁ; VIEIRA, 2019, p. 98).

Na analítica existencial e consequentemente ecoando no fazer da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, busca-se um movimento de apropriação de si mesmo para o *Dasein* e uma aproximação de seu modo de ser originário, mediante sua projeção sobre suas possibilidades mais próprias, o termo designado a isso é propriedade (MAGLIANO, 2019).

O modo de propriedade do *Dasein* corresponde a abrir-se ao mundo e articular projetos existenciais, perfazendo uma compreensão que nasce das relações com as próprias coisas, abrindo o mundo. Estabelecendo assim uma relação de modo próprio em um movimento de apropriação das coisas ao se relacionar com elas, experimentando-as. Por isto, não se limitando a medianidade da situação histórica em que se encontra (MAGLIANO, 2019).

A proposta da analítica existencial de Heidegger não se faz mediante pressuposições acerca de um modo de ser dado aprioristicamente, uma vez que assim recorreria a forma de se fazer ciência que delimita o objeto e o obriga a se encaixar na teoria, mas propõe que se inicie a análise do modo impróprio do existir encontrado na cotidianidade mediana (FEIJOO, 2011).

Nesse percurso, Heidegger afirma que a existência antecede a essência e que o ser-aí corresponde aos modos de ser dentro das determinações que seu movimento do existir proporciona e que é por excelência singular, ou seja, impossível de se apreender fora de seu modo de ser (FEIJOO, 2011).

Aqui temos valiosas contribuições que irão respaldar a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, pois essa forma de descoberta do ser-aí a partir de seu modo indeterminado, absorto na indiferença cotidiana do existir, permite chegar na estrutura fundamental do ser-no-mundo, distinguindo-o e abarcando sua própria e diferente abertura (FEIJOO, 2011).

“A analítica do ser-aí consiste, portanto, na descrição interpretativa das estruturas ontológicas fundamentais do existir humano, explicitando a historicidade do sentido da existência em sua dimensão mais originária” (FEIJOO, 2011, p. 35).

A proposta consiste em buscar o sentido do ser tendo o ser-aí e seu lugar ocupado no mundo como ponto de partida, pois é onde o sentido acontece, na inseparabilidade ser humano-mundo, não podendo desvencilhar o entendimento de sua única determinação, que é seu caráter do poder-ser delimitado por seu horizonte histórico (FEIJOO, 2011).

O ser-aí e suas características constitutivas são tão somente modos possíveis de ser, logo, para sustentar uma análise e desvelar orientações próprias de realização de seu poder-ser, o mundo fático sedimentado e seu espaço existencial são o ponto de partida (FEIJOO, 2011).

Mesmo porque, a impessoalidade cotidiana, como colocado por Sá e Vieira (2019, p. 98): “é um fenômeno de essencial interesse para a relação psicoterapêutica, já que é o modo de ser do homem de início e na maior parte das vezes e é, também, a partir de onde ele traz suas queixas de sofrimento”.

Aqui reside a potencialidade da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, pois se utilizando das contribuições de Heidegger e sua analítica existencial pode-se entender que o ser-aí, partindo de sua cotidianidade e seu modo impróprio delimitado historicamente, é convocado a determinar-se frente o mundo que o requisita, mostrando o modo como ele é (FEIJOO, 2011).

Desta forma, seu caráter de poder-ser demonstra sua incompletude fundamental, o que permite sua mobilidade já que sempre projeta o ser-aí para algo mais, além, ser para fora,

para o mundo, ser-no-mundo em uma dinâmica própria de ser. O caráter mais originário do ser-aí é sua pura abertura dinâmica (FEIJOO, 2011).

Para se apreender o ser no tempo, o como se encontra, requer que se tome previamente a totalidade do fenômeno ser-aí, o qual é ser-no-mundo. Essa totalidade estrutural é designada por Heidegger como cuidado. O fenômeno do cuidado permite apreciar a constituição da existência com suas interpelações com a decadência e facticidade do *Dasein*, bem como revela o percurso da existência como horizonte de abertura para a compreensão do ser (FEIJOO, 2011).

Cuidado, em Heidegger, corresponde ao ser-aí em seu caráter de estar sendo, ou seja, abarca os seus modos de ser que sempre cuida de si, sua ocupação para com o mundo e com os entes intramundanos e seu contexto relacional. Ser-aí é um ente sempre referido a outro ente, sempre ocupado com eles (FEIJOO, 2011).

Nessa perspectiva, se tem os elementos para se contemplar a determinação existencial do próprio *Dasein* que se encontra absorto nas ocupações cotidianas, o que acaba por encobrir o que lhe é mais próprio, isso se deve a tendência que o ser-aí possui de se perder na impessoalidade, o que acaba por restringir suas possibilidades mais próprias (FEIJOO, 2011).

Atrai-se a esses entendimentos, o fato de que o mundo da técnica e seu modo de se fazer ciência são limitados para pensar e abarcar o ser humano em sua totalidade e complexidade existencial, mesmo porque ele é imensurável, singular e não calculável (RODRIGUES, 2004).

Na Era da Técnica, onde tudo deve ser previsto, manipulado, controlado e guiado, a vida acaba sendo submetida e direcionada pela tutela da ciência. Assim, o ser humano passa a desconhecer sua medida e querer a tudo se antecipar e controlar, como seu meio, existência e destino, almejando se tornar isento de adversidades e se sobrepor a própria natureza (FEIJOO, 2017).

O domínio da vontade do e no ser humano torna-se onipotente, e por tudo querer, a realização individual baseada na máxima produtividade de si e a ausência de espaço para intemperes e vazios, provocam incessantes buscas de adequação e paliativos afazeres que pretensamente aniquilarão a dúvida, o sofrimento e a dor (FEIJOO, 2017).

Proliferam-se os mais diversos especialistas e a imensa produção e variedade das denominadas autoajudas, contudo, nesse frenesi de subterfúgios na existência, que não permite espaços para o querer não fazer e para o não produtivo, é que aparece, na grande maioria das vezes, o ser humano doente no mundo moderno (FEIJOO, 2017).

Neste momento é que o existente recebe explicações de que há distúrbios e problemas psicológicos que são passíveis a serem corrigidos e que devem ser curados para a retomada do “recurso humano” a ser explorado em toda a sua potencialidade produtiva, ou seja, corresponder às solicitações do mundo (FEIJOO, 2017).

Essa corrida ditada pelo mundo e a promoção de suas ânsias acaba por promover a perda do que faz sentido fazer e desvincula o ser da questão da validade do próprio viver (FEIJOO, 2017).

Frente a isso, Heidegger desenvolve em sua analítica existencial um modo alternativo para se acessar o ser-aí, os fenômenos e um possível entendimento do ente que ele mesmo é, ente esse dotado do caráter de *Dasein* (RODRIGUES, 2004).

À luz da técnica moderna e do pensamento que calcula, o ser dos entes se revela sempre como algo simplesmente dado como disponível; a disponibilidade é tomada como subsistente nos entes por si mesma, ocultando o horizonte de sentido que a possibilita. O resgate da meditação sobre o ser a que se propõe o filósofo surge, justamente, em resposta ao domínio do cálculo no espírito da época moderna (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 23).

O ser-aí possui a possibilidade de se apropriar de sua existência, refletir sobre ela e está em condição de questionar e renovar os sentidos, trazendo consigo a excepcionalidade das possibilidades, enquanto existente, singular (RODRIGUES, 2004).

Portanto, frente as possibilidades do *Dasein* de uma existência mais própria, o impessoal que o configura na cotidianidade, o horizonte histórico marcado pela Era da Técnica e seu pensamento calculante, é que Heidegger vai contrapor sua proposta, o pensamento meditante.

A meditação sobre a essência da técnica pretende evidenciar sua dinâmica histórica de constituição, sendo esta compreensão o que faculta inaugurar um relacionamento mais livre ante as determinações vigentes no mundo técnico, pois, a partir desta meditação, abrem-se novas possibilidades de compreensão e correspondência àquilo que é desvelado no interior desse horizonte, lançando-nos, então, no espaço livre do destino (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 23).

A proposta do pensamento meditante compete a uma aproximação do real com um novo referenciamento, outro e novo enraizamento que suporte a ruptura e a estranheza e que não tenta a tudo controlar, ordenar, prever e classificar, mas apreender as coisas sem referências previamente dadas, abrir-se a ambivalência e ao paradoxo e que pensa o irreconciliável (RODRIGUES, 2004).

Cabe ressaltar que esse pensamento não nega a possibilidade de utilização da técnica, mas uma livre relação com suas formas de pensamento e utilização, uma posição de sim e não aos usos e usufrutos dos recursos técnicos, nada obstante, não permitindo que determinem

e delimitem o que se é, sua essência. Para essa postura diante da técnica, Heidegger vai cunhar o termo serenidade (RODRIGUES, 2004).

Para evocar e sustentar uma postura que mantenha viva a meditação sobre o sentido, Heidegger resgata da tradição mística medieval a noção de serenidade (*Gelassenheit*), designando uma atitude equânime do espírito com relação a tudo aquilo que lhe vem ao encontro. A serenidade indica um modo de pensar que não privilegia nenhum modo específico de desvelamento, tomando-o por si mesmo como fundamento. Guarda, antes, a lembrança da irredutível diferença entre os entes já constituídos em seu ser e a dinâmica histórica de realização dos entes (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 23-24).

A serenidade, conjuntamente com o pensamento meditante, corresponde a uma postura de entrega que permite que as coisas se apresentem e se mostrem por si mesmas, que suporte a condição humana de abertura aos sentidos permitidos pelo horizonte de compreensão, por conseguinte, uma abertura para o mundo (RODRIGUES, 2004).

A serenidade busca ser uma postura que dá à existência humana receptividade aos significados e conexões dos fenômenos que se revelam, permite uma conectividade com as coisas que se apresentam na trajetória, busca vislumbrar as essências e os sentidos, proporcionar um posicionamento de desprendimento e permitir desenvolver por si mesma (RODRIGUES, 2004).

Esses elementos apresentados e discutidos, portando a serenidade e o pensamento meditante no horizonte compreensivo, permiti refletir sobre o possível diálogo com a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, a qual se realiza no encontro psicoterapêutico sustentado na relação de fala e escuta e sustentada na liberdade.

Pois,

Mediante o questionamento acerca da essência da técnica moderna, aclaramos o horizonte de sentido que constitui nossa abertura ao mundo, facultando-nos, por conseguinte, participar de nosso destino histórico sem, contudo, nos tornarmos cegos à sua essência e fundamento: a própria dinâmica do desvelamento. Elucidar as determinações tecnicistas do mundo contemporâneo, redimensionando historicamente o horizonte de sentido no qual vivemos, significa, por fim, poder co-responder com mais liberdade àquilo que nos solicita e vem ao encontro (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 31).

A clínica psicológica Fenomenológico-Existencial sustenta que o ser humano carece desvencilhar-se de querer, a todo tempo, acompanhar o modo e comportamento que se impõe contemporaneamente, tendo potencial para abrir-se e conquistar a sua própria medida e não permitir que a incitação do mundo e sua lógica de produtividade se imponham enquanto únicas vias e formas de existência.

Por isso, aquele que busca a clínica, vai encontrar um espaço em que não vai lhe ser dito o que fazer ou assumir, mas serão possibilitadas situações que permitirão que o analisando assumo o cuidado de si e apareça o que lhe faz sentido em sua existência (FEIJOO, 2017).

#### 4 ANGÚSTIA E SER-PARA-A-MORTE: TRANSFORMAÇÕES POSSÍVEIS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Pensar a existência humana é deparar-se com a inexorabilidade do destino - condição de destinar-se -, que se encontra presente desde o momento em que chegamos ao mundo e iniciamos a grande travessia. Como viajante do tempo, o homem está sempre passando, atravessando estradas e escolhendo caminhos que possam levar a algum lugar. Nesse caminhar, importa estar atento ao que está fazendo com a própria vida, as perdas e os sonhos não sonhados, bem como aos suicídios perpetrados de modo lento (BARRETO, 2019, p. 116).

Ponto relevante para a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial aqui vislumbrada corresponde a questão que o *Dasein* é ser-no-mundo, sempre traz consigo certa compreensão de significados e encontra-se em determinada disposição que contempla sua dimensão afetiva, sua afinação em um humor e imersão em uma determinada atmosfera particular (MAGLIANO, 2019).

A dimensão afetiva e o encontro com as coisas se configuram mediante a afinação de um humor que estabelece relações específicas em virtude da disposição de abertura ao mundo que o estado de ânimo vai estabelecer. Essa disposição é um modo originário, próprio e singular de apreensão do mundo que instaura a compreensão humana (MAGLIANO, 2019).

A disposição afetiva vai permitir uma singular apreensão do mundo em que se encontra projetado e das coisas que se impõe a sua presença, consistindo em um modo originário de apreender e compreender o mundo do *Dasein* em sua condição de estar-lançado (MAGLIANO, 2019).

Como colocado por Sá e Vieira (2019, p. 90):

Ela poderia ser descrita como o modo de sintonia com tudo o que vem ao nosso encontro no mundo. Ver algo como isto ou aquilo só é possível a partir de um campo de remissões interpretativas dispostas afetivamente, ou seja, só é possível apreender algo a partir de uma "situação" mergulhada em uma atmosfera afetiva.

Destarte, a apreensão do mundo feita pelo *Dasein* se estabelece associada a um estado de ânimo, realiza-se interessada nas coisas e nos significados do mundo. É esse o projeto compreensivo que abre o mundo, pois ele já é um projeto lançado e constituído pela inerente abertura (MAGLIANO, 2019).

O ser-aí, a presença, possui a característica existencial de estar situado em um contexto de significância temporalmente (histórico) constituído, por isso delimitado e finito devido as possíveis articulações compreensivas relacionadas com sua abertura. Sendo assim, o *Dasein* evidencia sua particularidade em sua disposição, discurso e compreensão provenientes de seu estar-aberto ao mundo (MAGLIANO, 2019).

Portanto, as disposições afetivas correspondem a uma questão chave a ser articulada na clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, pois ela é um existencial constitutivo da abertura das relações do ser-aí consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Nas palavras de Heidegger (1989, p. 194):

A disposição é um modo existencial básico em que o ser-aí é o seu aí. Ontologicamente, ela não apenas caracteriza o ser-aí como também é de grande importância metodológica para a analítica existencial, devido à sua capacidade de abertura. Esta possibilita, ademais, como toda interpretação ontológica, a se escutar, por assim dizer, o ser dos entes que antes já se abriram. Nesse sentido, deverá ater-se às possibilidades de abertura privilegiadas e mais abrangentes do ser-aí para delas retirar a explicação desse ente. A interpretação fenomenológica deve oferecer para o próprio ser-aí a possibilidade de uma abertura originária e, ao mesmo tempo, do próprio ser-aí interpretar a si próprio.

#### 4.1 Tonalidades afetivas e a angústia

O ser humano encontra-se na maior parte do tempo absorto e imerso no impessoal e sem confrontar seu ser-aí consigo mesmo, contudo, existem e ocorrem determinadas tonalidades afetivas, como a angústia, que por não serem cotidianas, possuem um caráter potencial de romper com o irrefletido e colocar a experiência do ser-aí em contato com sua essencialidade (COSTA, 2015).

Tonalidade afetiva se refere ao modo mesmo como o ser-aí se encontra "sintonizado" com o mundo que ele mesmo é; corresponde a "afinação" do ser-aí com seu espaço performático; é o modo concreto com que mundo se pronuncia na sua mostração. Ao se dizer isso, supera-se a noção tradicional de que é apenas vez por outra que alguma tonalidade afetiva "colore" a existência humana. Ao invés disso, há a certeza de que elas se fazem presente incessantemente e são condições de possibilidade para a experiência fática de mundo (COSTA, 2015, p. 80).

Um movimento necessário para o analisando adentrar à clínica, e potencialmente alcançar possibilidades mais autênticas e próprias, demanda que ele esteja afinado a certas tonalidades afetivas que irrompem a parcimônia existencial em que se encontra e o coloque em uma dinâmica outra, que o lance em questionamento e torne possível o estranhamento do mundo e das pressuposições até então em vigor que passam a serem abaladas e questionadas em seu cerne.

Entretanto, quando se pronunciam esses movimentos de questionamentos e rompimentos para com a afinação com o mundo, há sempre um empuxo para sua supressão e reinstalação da familiaridade. Isso se deve a segurança oferecida pelos sentidos e significados sedimentados do mundo e o estranhamento com um fato do *Dasein* que o assombra, que é a ausência de solo seguro originário e seu fundamento nulo (COSTA, 2015).

Vive-se rotineiramente dentro de uma complexa teia de significações que permeiam o contexto cotidiano e estruturam a existência, não obstante, o ser se sente ameaçado quando essa sustentação é abalada com algum acontecimento não aguardado que carrega consigo a imprevisibilidade e carência de sentidos no âmbito de o horizonte (SÁ, 2015).

Por conseguinte, se é remetido a um desabrigo existencial que constrange o modo de ser e suas identificações cristalizadas frente aquilo que se apresenta como diferente, exigindo flexibilidade (SÁ, 2015).

Esses acontecimentos e desabrigo existencial que sucumbi o cotidiano é que carregam grandes potencialidades para promover uma abertura do ser-aí de modo privilegiado para captar os sentidos e essências das experiências de seu co-pertencimento com o mundo (SÁ, 2015). Ponto central e nevrálgico no horizonte da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial.

Nesse momento, acompanhando parte dos objetivos traçados nesse trabalho compreensivo, será abordada a tonalidade afetiva da angústia que é fundamental para o *Dasein* e seu desvelamento, pois o coloca frente ao existir e sua relação de tensão com o ser e é um dos determinantes para trazer à condição humana seu caráter de ser livre e único.

A angústia pode ser entendida como uma importante experiência que carrega consigo a tomada de consciência frente ao amedrontador sentimento diante do nada existencial do ser-no-mundo, que é um ser lançado, indeterminado (ANGERAMI-CAMON, 2007).

A experiência afetiva da angústia descortina a falta de sentido, o nada do mundo. Nessa tonalidade afetiva as coisas e outros não 'dizem' nada, isto é, não se oferecem em possibilidades de ação, mostrando a necessidade de a existência projetar sentido para as coisas. Se forem apropriadas como aquilo que realmente são, as experiências de perda e falta de sentido confrontam a existência com a verdade de seu ser (verdade ontológica). A angústia não é um sentimento a ser eliminado, e, sim, uma tonalidade afetiva reveladora da verdade do existir (EVANGELISTA, 2020, p. 154).

Frente a essas considerações, pleiteia-se agora abarcar um considerável propósito do presente estudo, que é como essa angústia, fruto do desabrigo e ausência de sentido dado pela vida, pode possibilitar e provocar experiências de liberdade e aceitação serena do existir no analisando que no encontro terapêutico aí-se-encontra.

Assim, buscar-se-á abordar a angústia, promotora de experiências de estranhamento, que possui a capacidade de produzir, com a correspondência do analista que acolhe, uma abertura esclarecedora.

No compartilhar a angústia, que se origina do estar lançado para além do real, portanto, perigosamente lançado no vazio, onde não há nada que me sustente, a presença do outro me ajuda a me sustentar, mesmo que eu saiba que ele também caminha sobre o vazio de algo que não se sustenta em lugar algum. Nós nos sustentamos, nós os homens. Da nossa sustentação fazemos nosso sustento, como condição especial do ente que somos (POMPEIA; SAPIENZA, 2004, p. 233).

Nesse momento, deve-se refletir acerca das contribuições do filósofo Kierkegaard, que conforme nos traz Feijoo (2011), considerava a angústia como condição prévia e inerente às escolhas e afinada à indeterminação da existência, assim, a angústia entrelaçasse ao caráter constitutivo do possível da liberdade.

A angústia traz a tomada de consciência ao ser humano de sua liberdade, pois ela carrega em seu semblante o modo de ser mais próprio do ser-aí, a indeterminação. Nessa liberdade de agir, na ausência de qualquer conteúdo na consciência e do nada da existência, pode surgir o sentido (FEIJOO, 2011).

Contudo, frente a instauração da incerteza e desprovimento das certezas sedimentadas, o ser humano tende a buscar subterfúgios para escapar e negar a liberdade possibilitada e vislumbrada pela imensidão originária do possível, nesse caso, proporcionada pela angústia (FEIJOO, 2011).

Dessa forma, a liberdade angustia pela exigência do ser ter que buscar, dentro das próprias condições existenciais, realizar a própria vida, ou seja, é responsável por ela e pelo que nela atua e realiza (ANGERAMI-CAMON, 2007).

Feijoo (2011) elucida que em Heidegger, em *Ser e Tempo*, a tonalidade afetiva da angústia representa um estado do ser-aí em fuga dele mesmo pela imposição de ter que saber que é um projeto finito e está jogado no mundo, indeterminado. Por isso, essa atmosfera promovida pela angústia recai sobre a condição de ser-no-mundo, remetendo-o ao seu poder-ser, o que vai capacitar sua abertura ao mundo como possibilidades.

Isso pode ocorrer devido a angústia poder “colocar em suspenso o mundo como realidade simplesmente dada, retirando o ser-aí de sua absorção cotidiana no modo de cuidado da ocupação e da preocupação substitutiva” (FEIJOO; PROTÁSIO; SÁ, 2019b, p.111).

A angústia enquanto tonalidade afetiva, quando não calada, vai suspender as prescrições do mundo, descerrar o mundo rompendo com aquilo que é considerado seguro e determinado, desfaz o horizonte de sentido do mundo fático e instaurado pelo cotidiano e o coloca em perspectiva invocando uma apropriação mais ímpar da existência (FEIJOO, 2011).

Contudo;

Na maioria das vezes, acontece uma surdez, um fechamento para a possibilidade de se apropriar do fato de *estar-jogado*. O ser-aí, então, retoma a cadência do mundo, na decadência, escapando da possibilidade de assumir a sua propriedade, o seu caráter de poder-ser. Caracterizamos esse escapar como a fuga da estranheza, estranheza, essa que, no fundo, determina a singularidade do ser-no-mundo (FEIJOO, 2011, p. 42).

Portanto, por anunciar o caráter de indeterminação da existência, a tonalidade afetiva da angústia pode acabar por reencaminhar o ser-aí ao ritmo do impessoal, restringindo suas possibilidades e o remetendo a ilusão do controle e da determinação (FEIJOO, 2011).

Porém, mesmo fazendo com que o ser busque refugiar-se por diversas vias de escape, como recorrer as identificações determinantes do impessoal ou se colocar sobre a tutela dos outros, a angústia tem o potencial de desvelar o *Dasein* em sua indeterminação originária, instaurar sua condição de ter de ser e a responsabilidade subsequente no seu poder-ser mais próprio, promover a assunção de estar lançado no mundo, antecipar seu indelével ser-para-a-morte devido sua finitude e o confronto com a sua possibilidade de escolher-se em sua singularidade (FEIJOO, 2011).

Assim, temos a condição que movimenta a preciosa e imensa potencialidade da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, pois:

A angústia, ao apontar para negatividade originária da existência, coloca em jogo a compreensão da finitude que abre o caráter de nada da existência, do ente ontologicamente incompleto e indeterminado, desvelando o poder do mundo sobre nós. E é nesta situação limite, com o romper das prescrições do mundo, que pode ocorrer um despertar para o espaço de realização do ser-aí, ou seja, que se abre o seu caráter de poder-ser (FEIJOO, 2011, p. 49).

Posto isso, a angústia elaborada no encontro psicoterapêutico pode permitir que se abra o caminho de se escutar o seu clamor que direciona a suspensão das prescrições do impessoal e abri espaço para que o singular transpareça e anuncie-se como possível.

A inquietação mobilizada e incitada pela angústia pode sucumbir aquilo que se é e antecipar o entendimento da finitude da existência, por isso deve ser acolhida no diálogo clínico e acompanhada conjuntamente com o analisando, permitindo estar junto e não contra tal tonalidade afetiva. Tal posicionamento possibilita que as ânsias suscitadas sejam faladas e escutadas para se compreender o que ela abarca e clama em sua relação intencional com o existir (FEIJOO, 2011).

Escutar a voz silenciosa da angústia, que desperta o ser-aí para a condição humana por excelência, que é a liberdade e sua abertura aos possíveis, é uma das grandes potencialidades da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial.

Conhecer a vida humana é saber que o desespero e a angústia são sua determinação e que, em seu caráter de negatividade, de abertura, a existência guarda sempre a possibilidade da transformação, ou seja, cada modo de existir guarda sempre consigo outras possibilidades (PROTASIO, 2014, p. 219).

Portanto, a angústia mobilizando um despertar, pode promover a suspensão das determinações de sentidos no qual o ser-aí se encontra e pode acabar por permitir abrir espaço para outras experiências que tenham a singularidade do ser-aí como realização e acontecimento,

podendo capacitá-lo a redirecionar sua vida pela tomada de consciência daquilo que o automatiza e libertar-se para suas possibilidades mais próprias.

## 4.2 Angústia e abertura

As tonalidades afetivas afinam o ser-aí a sua abertura e dimensão de ser-no-mundo, a angústia, como estabelece Heidegger, é a que promove de maneira privilegiada a capacidade dessa realização, pois o abre ao seu próprio ser-no-mundo (MAGLIANO, 2019).

Em sua maior parte, o *Dasein* se encontra decaído de si mesmo, perdendo-se no mundo cotidiano e em suas ocupações, desviando-se de si mesmo por estar pelo viés compreensivo da interpretação do impessoal e ausentando-se de almejar e alcançar compreender a si de maneira própria, assim, encobrindo seu poder-ser mais próprio e autêntico (MAGLIANO, 2019).

A angústia corresponde a uma disposição privilegiada por possibilitar o rompimento com essas determinações e desencadear um descobrimento do ser-aí para si mesmo por suspender a familiaridade com a significância do mundo fornecidas pelas determinações do impessoal (FEIJOO; PROTÁSIO; SÁ, 2019b).

Isso se deve pelo motivo de se angustiar pelo próprio ser-no-mundo e pela não mais oferta de compreensão de si mesmo devido o surgimento da retirada de sentidos ofertados pelo mundo e pela interpretação pública, possibilitando que se apreenda verdadeiramente enquanto poder-ser (FEIJOO; PROTÁSIO; SÁ, 2019b).

Para Heidegger, como colocado por Sá e Barreto (2011, p. 391):

a disposição privilegiada, a partir da qual o homem pode apreender seu modo de ser próprio enquanto “existência,” é a angústia. Ela remete o homem à sua singularidade, ao seu próprio poder-ser-no-mundo. Tem, portanto, uma função liberadora, podendo arrastar o homem para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser, afastando-o da perspectiva impessoal e objetivante da ocupação cotidiana.

O mundo pode ser aberto a possibilidades ao *Dasein* por revelar que o sentido dado à vida e às coisas são passíveis de outros sentires e não mais se é obrigado a entendê-los enquanto simplesmente dados. É revelado que o próprio ser, em comunhão com o mundo, dá sentidos e significados àquilo que lhe vêm ao encontro, de forma mútua e interdependente (MAGLIANO, 2019).

Com isso, como ressaltado por Magliano (2019), a angústia permite o ser-aí ir de encontro com o que lhe é mais próprio, seu poder-ser, a sua essência e natureza que não é

determinada *a priori* e que constantemente está em relação com as possibilidades de ser no infundável jogo de identificação com a própria existência, sempre fluída.

Remetido a seu próprio ser-no-mundo, a angústia singulariza o ser-aí, a presença, e o projeta para as possibilidades por abri-lo como ser-possível.

A disposição da angústia, uma vez que desencobre ao *Dasein* o seu caráter de poder-ser, revela também a sua liberdade, pois o retira da decadência em que desde sempre se encontra, possibilitando que, a partir de então, articulem-se projetos existenciais próprios e, portanto, singulares. Assim, a angústia libera o *Dasein* para apreender-se propriamente a si mesmo ao retirá-lo de uma compreensão advinda da medianidade, cessando de prover significados aos entes intramundanos e desocultando sua natureza de possibilidade e abertura. De acordo com isto, a angústia se identifica com um modo de afinação capaz de revelar a liberdade do *Dasein*, a liberdade para escolher e acolher a si mesmo, ou seja, a liberdade para assumir a propriedade e impropriedade de seu ser como possibilidades existenciais (MAGLIANO, 2019, p. 75).

Portanto, a angústia elaborada no encontro psicoterapêutico pode revelar o ser-livre pautado na liberdade de escolher, bem como na responsabilidade desse ser que se presentifica e se entrega como ser-no-mundo em sua pura indeterminação. Permitindo, assim, que se inau-gurem projetos existenciais próprios e alcance a apropriação de seu ser-no-mundo no movimento de suas possibilidades mais próprias de seu ser.

### 4.3 Ser-para-a-morte

Na viagem pelo tempo, o homem encontra a morte como parceira inseparável que o acompanha pelas estradas em que caminha e se apresenta com a imperturbável persistência de uma sombra. Também encontra a angústia, companheira constante e que, em algumas encruzilhadas, pode agir como parteira no movimento a caminho do seu ser mais próprio como poder ser (BARRETO, 2019, p. 117).

A angústia, além de carregar a faculdade de abrir o projeto existencial em seu caráter de poder-ser do *Dasein*, faz com que não mais se oculte o caráter existencial do ser-para-a-morte mais próprio. Pois como elucida Magliano (2019), baseado em Heidegger em *Ser e Tempo*, há um nexó originário entre a angústia e o existencial do ser-para-a-morte, pois o angustiar-se tem sempre como pano de fundo o seu ser-para-a-morte.

O nexó originário com o existencial do ser-para-a-morte só pode ser apreendido mediante uma profunda discussão para com a angústia, pois, quando o *Dasein* compreende o fenômeno da morte a partir da decadência, o apreende como indeterminado e não ameaçador, contudo, a angústia permite acessar o estar-lançado para a morte de forma mais originária e mais própria, desvelada, descobre para si mesmo suas possibilidades e destitui-se do morrer impessoal (MAGLIANO, 2019).

A inalienabilidade da morte, o fato simples mais irresistível de que cada um deve morrer para si mesmo, de que a morte é a única potencialidade existencial que nenhuma escravização, nenhuma promessa, nenhum poder dos "outros" pode arrebat

ao homem individual é a verdade fundamental do significado do ser, e, por consequência, determinante de uma angústia inerente à própria condição humana (ANGERAMI-CAMON, 2007, p. 43).

O fim do ser-no-mundo é a morte, conclui a questão da totalidade do poder-ser, pois a finitude delinea a questão do poder-ser como um todo, mas não concretamente como um todo, por que o *Dasein* é essencialmente poder-ser e abertura de possibilidades que não se completa, pois morre, deixa de ser e não é mais (MAGLIANO, 2019).

As concepções de Heidegger sobre a morte, conforme nos traz Angerami-Camon (2007), expressa que, ao assumir a finitude do ser, se permite aliviar o terror inspirado pela morte, condiz como um ato de encerramento da vida e constitui-se como uma forma de totalidade, já que conclui a inquietante demanda ontológica pela contínua autotranscendência, assim, ao assumir a morte abarcando-a como possibilidade última, assumira-a como o elemento final da existência.

Mesmo porque “A morte pertence à condição do ser humano, é uma presença inevitável e inarredável, uma vez que quando o homem começa a existir já está atirado nela, sendo desde ao nascer bastante velho para morrer, como bem assinalou Heidegger” (SILVA, 2020, p. 57).

Com a morte, conclui-se a totalidade, impossível de realizá-la em vida, contudo, assumir e antecipar a finitude, viabiliza entrever a totalidade sobre si mesmo. Além do mais, interiorizando e humanizando a morte e sua fatídica inexorabilidade, o ser-aí alija-se do caráter de restrição da liberdade, pois a consciência da morte instiga a autopercepção e confere a individualidade inerente a si mesmo e de seu estar lançado no mundo (ANGERAMI-CAMON, 2007).

Na constituição do *Dasein* como projeto próprio, a morte deve ser concebida como possibilidade existencial, projeto em destaque e não como algo que simplesmente se realizará (MAGLIANO, 2019).

Mesmo porque, como colocado por Evangelista (2020, p. 55) “Angústia e poder morrer indicam o nada que perfaz a existência humana e que é o fundo (fundo sem fundo) sobre o qual se desdobra a capacidade humana de relacionar-se com o que já não é mais e com o que ainda não é”.

A morte tem o caráter de insuperabilidade, possibilidade da existência que não se foge e que após sua realização, outras possibilidades cessarão, serão impossíveis para o ser-no-mundo. Ela corresponde ao que é mais próprio do *Dasein*, é inconteste, sua possibilidade não permite subterfúgios ao seu encontro, é infalível e, também indispensável (FEIJOO, 2020).

O *Dasein* dispõe invariavelmente dessa possibilidade, contudo não lhe é permitido usufruí-la em seu existir, pois só lhe é permitido apreender a morte como possibilidade, pois ele existe, e a morte é o não mais existir, com isso, temos a possibilidade mais própria, a finitude. Tem-se então, o ser existente com a aptidão de encontrar a sua morte, sua completude e unidade que é transitória e totalidade historicamente coerente (MAGLIANO, 2019).

A morte faz parte da vida, e a humanização da morte possibilita contemplá-la como projeto e antecipação da própria morte, possibilidade que não se realiza, mas é presença no mundo, com isso, a morte é possibilidade própria do ser, pois a realidade humana é inexoravelmente ser-para-a-morte (FEIJOO, 2020).

Compreender o ser-para-a-morte possibilita o *Dasein* decidir seu próprio projeto para a morte, pois permite que se estabeleça sua liberdade porque constitui a si mesmo como totalidade e vislumbra sua livre escolha da finitude. Morrer, em algum momento, deve ser assumido (ANGERAMI-CAMON, 2007).

Por sua própria essência, a morte é, em todo o caso, minha, na medida em que 'é'. E, com efeito, a morte significa uma peculiar possibilidade-de-ser em que o mesmo ser do próprio *Dasein* do homem é o fim, um desfecho final. No morrer, mostra-se que 'pertencer a mim' (*mineness*) e existência são, ontologicamente, constitutivos para a morte. Morrer não é um evento; é um fenômeno a ser compreendido existencialmente (ANGERAMI-CAMON, 2007, p. 32).

As formulações de Heidegger, conforme nos traz Angerami-Camon (2007), considera que a morte dos outros aproxima e desperta para *Dasein* o fenômeno do término, pois o ser é sempre um ser-com-outros e vai experienciando a morte em diversos momentos da própria existência. Mediante a própria dimensão do ato de morrer dos outros, ao ser apreendida pela consciência, desvela sobre o que a vida é sedimentada.

Dessa forma, o ser depara-se com a morte de outros que lhe confere o extraordinário fenômeno da mudança que o acompanha e espera, do ser para não ser mais. Apreendendo assim que a morte daqueles que coexistiram em seu mundo, permanecem de certa forma com aqueles que ficam, isso reafirma que o cotidiano existencial é compartilhado e que o *Dasein* é ser-com (ANGERAMI-CAMON, 2007).

Essa verdade psicológica é ordinária, mas significativa de que se é acompanhado e constituído em parte pelos mortos que outrora o acompanhou e até mesmo por aqueles que marcaram o horizonte histórico que o constitui (ANGERAMI-CAMON, 2007).

Portanto, a consciência da finitude, faceta contundente da existência, pode corresponder a um vital processo que afirma a própria condição da vida e possibilita a constituição de uma esplendida singularização.

#### 4.4 Poder-ser do ser-aí

A característica fundamental do ser-aí em seu caráter de poder-ser corresponde a estar constantemente lançado e aberto, não sendo possível abarcá-lo e apreendê-lo em sua totalidade, então, permanentemente inconcluso.

Por isso, para a psicoterapia ser capaz de ofertar um encontro que caminhe conjuntamente para um ser mais próprio do analisando, se deve compreender esse caráter de incompletude do ser lançado, aberto.

A compreensão do ser lançado e em permanente inconclusão, com a antecipação do fim do ser-no-mundo e sua inevitável fuga e a completude oferecida por essa antecipação, enseja que se estabeleça a compreensão de que o ser-no-mundo se dá no tempo e abre a possibilidade de exercer seu poder-ser mais próprio (FEIJOO, 2011).

Nessa direção, o homem, ao deparar-se com a inexorabilidade do destino, aqui também compreendido como a morte, encontra-se dirigido para o “não mais” das possibilidades existenciais. A esse “não mais” encontra-se também um “ainda não”, que é precisamente o tempo do possível e, enquanto tal, o tempo da esperança (BARRETO, 2019, p. 114).

Com isso, faculta-se constituir a vida em um projeto, sua própria projeção do ser-aí em seu estar lançado, realizando em seu tempo o desvelamento de possibilidades e estabelecendo o cuidado em sua ocupação e em sua abertura mais singular (FEIJOO, 2002, 2011).

Compreender o ser-para-a-morte por parte do *Dasein*, permite se encontrar como um todo e trazer à consciência a temporalidade originária do cuidado. Esvaindo o encobrimento de sua decadência devido a abertura fornecida, também pela angústia, o ser-aí apreende sua totalidade originária e pode estabelecer o modo de ser do cuidado (MAGLIANO, 2019).

Cuidado (*Sorge*), na analítica existencial de Heidegger, corresponde a estrutura total e unidade ontológica estrutural do *Dasein*, o conjunto e unidade de sua existência, facticidade e decadência, ou seja, sua ocupação (MAGLIANO, 2019).

O conceito de cuidado revela que o ser do *Dasein* se define unitariamente na reunião de seus momentos constitutivos, assinalando a constituição existencial indivisa do *Dasein*, quer seja ao modo da propriedade ou impropriedade. Podemos considerar, então, que a concepção do cuidado corresponde ao caractere existencial fundamental do *Dasein*, seu modo de ser originário (MAGLIANO, 2019, p. 77).

O ser-para-a-morte traz o entendimento daquilo que não está presente e é possível, mas seu obscurecimento encobre para o ser-aí o seu poder-ser mais próprio por permitir que ele continue sendo como é, alheio ao que lhe diz respeito. Esse distanciamento encobre o experi-

mentar a morte em sua antecipação, permanecendo no modo impessoal, o que condiz a existência que considera a morte como fenômeno que deve ser esquecido, afastado e desviado (FEIJOO, 2011).

Parte da proposta aqui sondada é a da potencialidade existente na clínica psicológica Fenomenológico-Existencial que mediante os existenciais da angústia e ser-para-a-morte permite desvelar o ser-aí do analisando e capacitar aberturas às suas possibilidades mais próprias e singulares, rompendo com o falatório do impessoal.

No falatório do impessoal, fala-se: "morre-se". Quando é assim que compreendemos a finitude, temer a morte significa pensar a morte como algo que vêm ao nosso encontro em um futuro longínquo, jamais determinável previamente com exatidão e que causa um dano irreparável na coisa que eu sou. Trata-se, ao contrário, no âmbito da conquista plena de si por parte do ser-aí, da antecipação da morte que se dá constantemente. Morrer é aqui o evento que revela o caráter próprio do ser-aí enquanto cuidado, uma vez que ele só é propriamente cuidado se morre sempre, se conquista a sua finitude, se é, quando é, quem ele efetivamente é. Na decisão antecipadora, ao escutarmos o clamor da angústia como tonalidade afetiva fundamental que, não dizendo nada, confronta o ser-aí com o seu ser mais próprio, surge para o ser-aí a possibilidade de conquistar o seu modo de ser mais próprio. E é no horizonte finito desse ser, abrindo a necessidade de pensar a partir da própria rearticulação do seu existir, que se abre a possibilidade de singularização do ser-aí. O anúncio da finitude é um dos modos possíveis de estruturação da existência singular (FEIJOO, 2011, p. 41).

Assim, alia-se a angústia ao ser-para-a-morte para desobscurecer a cotidianidade, os desvios e distrações constantes do falatório, direcionar o ser-aí para si mesmo e o convocar a se abrir para o horizonte de realização do existir, mesmo que seja direcionado para a finitude e a cessação de suas possibilidades de ser, porém, poderá desvencilhar-se das ocupações do impessoal que lhe promovem sofrimento e passe a apreender seu caráter inerente como cuidado.

#### **4.5 Clínica e o ser-para-a-morte: abertura à existência como possibilidades**

O *Dasein*, ao invés de se fechar devido o caractere existencial do ser-para-a-morte que designa a impossibilidade que há de todas as possibilidades possíveis, permite que se abra de maneira mais própria para seu caráter de possibilidades.

Ao antecipar o fenômeno da morte, o ser-aí depara-se com a finitude e a delimitada transitoriedade da existência e o qualifica a apropriação existencial e ao reconhecimento de outras possibilidades (MAGLIANO, 2019).

Entende-se que o fenômeno existencial, que pode ser fortalecido no encontro terapêutico dentro da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, da antecipação da morte permite que o analisando constate que as possibilidades concretas de sua vida, também não são

definitivas, com isso, há uma abertura para o entendimento que não é obrigatório se cristalizar em determinadas possibilidades, mas que a vida deve permanecer em condição de abertura.

Esse movimento permite que o analisando encontre condições de se apropriar de seu poder-ser, se permitindo corresponder às possibilidades e a se desvencilhar daquilo que o fecha e impossibilita a alcançar seu ser mais próprio.

Com isso, frente a sapiência do caráter transitório da existência, a apropriação do caractere existencial do ser-para-a-morte capacita o ser-aí às possibilidades inerentes ao seu existir e o remete a conquista de si-mesmo, por lhe liberar das cristalizações de determinadas possibilidades ou formas de enrijecimento de estruturar sua vida.

Dessa maneira, o *Dasein* se permite compreender que a existência e as formas de ser estão sempre em aberto e que pode buscar exercer um projeto em sentido próprio, singular, na medida em que se relaciona no e com o mundo, o estar-com e suas possibilidades (MAGLIANO, 2019).

Portanto; como colocado por Magliano (2019, p. 82): “Somente antecipando a morte de maneira própria, o que possibilita possibilidades, conquistamos uma história, um desenvolvimento coeso e unitário para além da oscilação e dispersão da impessoalidade”.

A decisão antecipadora da morte proposta por Heidegger vai abrir a aptidão de todas as possibilidades do *Dasein*, pois ao se deparar e apreender o ser-para-a-morte, vai desvelar a sua radical indeterminação, a qual vai clarificar que em seu âmago, o ser-aí é liberdade, abertura (MAGLIANO, 2019).

Assim, a morte não pode ser pensada só em uma dimensão “negativa”, vinculada ao término da existência, decorrente de uma compreensão metafísica do ser do homem. Tem, também, uma dimensão “positiva”, compreendida como esperança, ao considerar o *Dasein* como ser-o-aí, lançado em direção à sua última possibilidade, projetado em direção à morte. Nessa direção, a morte desvela a existência dos possíveis e, ao apontar para o “ainda não”, indica a radical incompletude da existência humana. Incompletude que permite pensar a existência enquanto abertura e transformação, não determinada por acontecimentos nem voltada para realizar projetos definidos por antecipação (BARRETO, 2019, p. 124).

A antecipação da morte não condiz com a renúncia às possibilidades factuais, mas entendê-las enquanto partícipes da existência, a sua virtualidade reside na capacidade de promover um certo afastamento dos ditames intramundanos que abarca o ser-aí em dispersão.

Mediante esse afastamento, permite-se o silêncio e o escutar da consciência que clama a apropriação do *Dasein* em seu caráter mais próprio, descobre o que é imposto pela compreensão do cotidiano e falação pública do impessoal, e, nesse apelo, remete-o a si mesmo, se manifestando na forma de requerer a assunção de suas possibilidades concretas e de seu poder-ser existencial (MAGLIANO, 2019).

É através do apelo da consciência que o ser-aí se percebe no estado de decadência constitutivo e que se encontra na dispersão promovida pelo caráter impessoal da cotidianidade mediana. Com esse movimento e reconhecimento, essa “voz da consciência” provê a percepção de ser possível o reencontro consigo mesmo e do poder-ser (MAGLIANO, 2019).

Escutar o apelo proferido pela consciência se torna fundamental para calar o falatório do impessoal e promover a compreensão necessária para o *Dasein* tornar-se propriamente responsável por seu projeto.

Podemos concluir, então, que escutar a voz da consciência significa, em última instância, liberar o *Dasein* para seu poder-ser próprio, torná-lo livre dos projetos advindos da medianidade, compreendendo-os agora simplesmente como respostas impessoais à estranheza e indeterminação de seu ser (MAGLIANO, 2019, p. 87).

A decisão antecipadora da morte, entendida como fundamental dentro da busca pelas possibilidades de abertura mais próprias para o ser-aí autêntico e singular, vai demandar e entrelaçar com as pertinentes disposições da angústia, do ser-para-a-morte e da voz da consciência.

Esses fenômenos implicam em assentir que as possibilidades, mesmo as improprias, são suas próprias, assumindo-as enquanto constitutivas da existência, do ser-aí, contudo, para se alcançar seu caráter mais autêntico, deve-se renunciar os projetos impróprios provenientes do impessoal. Decisão, abertura e responsabilidade (MAGLIANO, 2019).

Portanto, a decisão antecipadora da morte só é possível mediante um caminho de saída do estado de impropriedade, do reconhecimento do passado decaído no qual também se encontra imerso e enfrentando o caráter vulnerável, finito e trágico da existência, assim, aprimorando uma abertura ao futuro do ser-aí (FEIJOO, 2017).

Conjuntamente, na experiência cotidiana surge a atmosfera da angústia que pode suspender as prescrições do mundo e capacitar o *Dasein* a abrir-se a possibilidade de transformação e de outro modo de compreender a si e ao mundo, permitindo que ambos apareçam como são (FEIJOO, 2017).

Por fim, o desamparo promovido pela morte, além da morte biológica pontual, carrega consigo receios e medos outros, remete a medos de transformações e mudanças e da própria vida e sua dimensão de insegurança e indeterminação. Esses sentimentos devem e podem ser explorados com o analisando para serem mais bem explicitados e elaborados dentro de uma perspectiva de compreensão mais ampla (SÁ, 2015).

A psicologia clínica numa perspectiva fenomenológico-existencial consiste em possibilitar um pensamento meditante, abrindo a possibilidade daquele que, em angústia, clama pelo seu poder-ser mais próprio, reconhecendo-se como ser-para-a-morte, pois se encontra perdido no impróprio. Neste querer-ter-consciência possa descobrir-se em

sua liberdade, tanto no que se refere a utilização das coisas quanto ao seu próprio fazer-se no mundo (FEIJOO, 2002, p. 155).

Esse movimento existencial demanda acompanhar pacientemente o analisando ao encontro daquilo que está em questão e sustentar um espaço para os acontecimentos e experimentações de outros modos de pensar e se articular, experimentando, espaço e tempo para transformações.

Frente ao que foi discutido, a partir do próximo capítulo, encaminhar-se-ão reflexões aos fazeres e relações psicoterapêuticos contemplados na clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, os quais carregam pertinente potencial direcionado a uma existência que contemple uma vida de abertura ao ser mais próprio.

## 5 A CLÍNICA PSICOLÓGICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

A Psicologia que vai se constituindo pela influência da Fenomenologia e do Existencialismo, bem como pelo Humanismo, vai gradualmente, mas significativamente, mudando a forma que os seres humanos são percebidos e entendidos.

Esse vislumbre compreensivo e valorativo do ser humano, vem a tocar e sensibilizar muitos psicoterapeutas, promovendo novas formas de relacionamentos na psicoterapia e a formulação e construção, que deve ser sempre permanente, da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial.

Destaca-se em seu amplo corpo teórico e as convergências em suas escolas de pensamento a índole em comum do respeito pela pessoa humana, considerando-a como um ser consciente e complexo e que tem em seu âmago autonomia, afetos, emoções, sonhos, sentimentos, anseios, receios, crises e desejos.

Dentre as perspectivas, entendimentos e valores trazidos pela Fenomenologia e pelo Existencialismo, destaca-se também o enfoque de que a existência humana se realiza em um contexto interpessoal, assim, valorizando o ser humano, suas relações, seus compartilhamentos e as correlações entre seres humanos e mundo.

Nesse entendimento, a relação e o encontro psicoterapeuta-analisando são sustentadas em uma postura e atitude de valoração do respeito e em uma relação de convergência. Buscando uma aproximação da experiência existencial daquele que se apresenta, dando voz ao existente e permitindo alcançar o aparecimento de seu sentido.

Com esse intuito, na experiência do momento presente da psicoterapia e na vivência em interação com o outro, atingir o conhecimento, o significado e o desvelamento do sentido das questões trazidas por aquele com quem se dá o encontro, o analisando.

Nessa relação, o analisando é considerado e percebido como um ser que carrega consigo a capacidade consciente de se decidir sobre sua própria existência dentro e frente suas possibilidades.

A ação clínica pode por em andamento o que já é próprio do humano, ajudando-o a “procurar” aquilo de que foge: a morada no sentido e o habitar descobrindo ele mesmo e o mundo, relançando-o na sua existência, a fim de que pense a própria vida. Assim, a situação clínica começa ao se configurar como espaço privilegiado para libertar a fala e a ação submissa aos problemas herdados e ao consenso (BARRETO, 2008, p. 4).

Como anteriormente abordado, as contribuições de Heidegger são amplas e presentes na clínica psicológica Fenomenológico-Existencial devido suas reflexões acerca da compre-

ensão de que o ser humano deve ser entendido como singular, concreto e possuindo sua compreensão de si mesmo, sendo que ele já é, enquanto ser-no-mundo e ser-com em sua existência compartilhada com os outros.

A proposta de psicoterapia Fenomenológico-Existencial visa um verdadeiro encontro com o analisando, valorizando e centralizando os elementos confluídos no inter-humano, respeitando a criatividade e as possibilidades existenciais presentes e emergentes em cada um (LIMA, 2008).

A tarefa principal, ao lado da responsabilidade do terapeuta, é a de procurar compreender o paciente como um ser, e como um ser em seu mundo. (...) Com ela, as portas se abrem para que o terapeuta possa estar apto a ajudar o paciente a reconhecer e experimentar a sua própria existência, e esse é o processo central da terapia (MAY, 1988, p. 167).

A posição a ser tomada é a de abster-se de se dar orientações e trazer interpretações prontas ao analisando, pois a busca é a de permitir que com suas capacidades de observação e reflexão encontre o seu caminho próprio (LIMA, 2008).

A partir da companhia verdadeira do terapeuta, a pessoa pode se arriscar a mergulhar no seu próprio processo, pois não está sozinha. Suas experiências serão acolhidas e acompanhadas pelo psicólogo que, estando presente e atento, poderá contribuir para sua compreensão, indo além delas, indo para onde apontam. Desencadeia-se um movimento, assume-se uma tarefa e um risco (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010, p. 81).

A relação psicoterapeuta-analisando corresponde ao que acontece no encontro e no propósito da escuta para com o outro, que ocorre dentro da condição de possibilidade nos diferentes modos que a relação pode se dar, porém, sustentada no cuidado.

Cuidado que conforme Heidegger, e sua articulação ontológica, é a tomada do ser humano como *Dasein* que em seu ser é cuidado, é relacional e constitui-se no ter de ser com e no meio de outros seres (FEIJOO, 2017).

A existência é singular, e nessa máxima, fundada no cuidado, se encontram indicações de como as relações psicoterapêuticas devem buscar promover transformações existenciais efetivas mediante a instigação do reconhecimento e questionamento do sentido instado pelo impessoal. Desse modo, abarcando a estima de encontrar as próprias respostas e decisões frente as questões e adversidades que a vida lhe apresenta.

Nesse momento, descortina-se a potencialidade da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial a qual tem como alcance proporcionar que se deixe aparecer as possibilidades existenciais próprias e correspondentes a quem o analisando singularmente é.

O psicoterapeuta tem de se ocupar na busca da compreensão da pessoa do analisando, e que o suscite a ressignificar e encontrar um sentido para a sua vida e assumir sua

liberdade e responsabilidade frente a condução de sua existência (LIMA, 2008). Pois, as escolhas são as maneiras de estar-no-mundo e refletem a imprescindível e inevitável liberdade de se tomar essas decisões (TEIXEIRA, 2006).

O encontro terapêutico não se limita, portanto, ao reconhecimento de uma realidade supostamente já dada, mas consiste, sobretudo, no desvelamento de novos sentidos, que somente são possíveis de acordo com a abrangência da abertura ao mundo que nós mesmos somos, pois aquilo que pode se dar à nossa abertura de mundo depende fundamentalmente do quanto somos livres, ou do quanto nos apropriamos do nosso ser próprio como liberdade. A dinâmica terapêutica é, desse modo, uma dinâmica de desvelamento, cuja essência é a liberdade ontológico-existencial do *Dasein* (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 30).

A existência humana condiz a pessoas reais que procedem incessantemente em situações concretas que lhe demandam escolhas, na vida se escolhe, decide e faz a si próprio, combinando e articulando com as próprias realidades, capacidades e possibilidades. Portanto, corresponde sempre a um projeto, a estar aberto (TEIXEIRA, 2006).

A clínica psicológica Fenomenológico-Existencial aborda o ser humano como uma unidade complexa, contraditória e dinâmica em relações, conhecer seu mundo demanda elucidar suas relações para com o entorno e sua peculiar realidade constituída.

O que o “experimento psicológico” mostra é o caráter experimentante da vida, que por não estar previamente determinado, precisa conquistar sua medida. Mais uma vez abre-se o campo da psicologia como ciência do particular, do indivíduo singular, não enquanto uma subjetividade solipsista, mas enquanto existência particular em tensão constante com a ordem de seu mundo, ou seja, com o universal. (PROTASIO, 2014, p. 218).

Esse mundo e realidade correspondem às complexas imbricações e configurações de relações que lhe são significativas e que sustentam a existência, proporcionando possibilidades, mas, também delimitações e restrições. Isso ocorre dentro de relações determinadas por um espaço delineado e situacional em que se projetam as ações e constrói a vida prática, ou seja, a realidade mais própria (ROMERO, 2001).

Cabe ressaltar, como abordado por Sá (2015), que a psicoterapia não deve configurar como um espaço de explicações conceituais, discussões e principalmente de críticas ao modo de ser do analisando, mas *locus* de se elucidar e elaborar o sentido de seu projeto existencial e as implicações correspondentes no seu modo de lidar com o mundo e suas indeterminações, bem como abarcar seus temores, responsabilidade e liberdade frente sua existência.

## 5.1 Clínica psicológica e o saber-fazer

A clínica psicológica Fenomenológico-Existencial busca esclarecimentos que prescindam da ordem de um saber moralizante, principalmente aqueles pautados nas determinações

historicamente constituídas, propondo elucidar e promover a libertação desses ditames e defendendo uma Psicologia que promova o resgate do caráter sensível da existência e aquilo que lhe é mais próprio.

Considera pensar o mistério da existência e sua finitude incontornável, foge da ordem disciplinar do mundo da técnica e seu modo do cálculo, quer reestabelecer a experiência do pensamento de sentido (pensamento meditante) e busca o sentido no âmbito mais originário do pensar e ser. Mesmo porque, conforme colocado por Feijoo (2020, p. 43): “Encontrar, na própria relação, a medida existencial é uma tarefa que precisa ocorrer dando tempo ao tempo e, ainda, se deixando tomar pelo modo como a vida se dá em sua originalidade.”

Pensar o sentido significa, assim, inaugurar uma forma de atenção que possa analisar as determinações correntes em nosso horizonte de sentido em articulação a seu próprio âmbito de proveniência. Meditar sobre o ser oferece uma perspectiva mais ampla em relação às determinações correntes da técnica e do cálculo, liberando o pensamento de se restringir aos seus parâmetros (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 24).

O encontro psicoterapêutico deve proporcionar e ser um espaço que se possa, na esfera da experiência do pensamento, questionar, duvidar e se demorar acerca das verdades que se pressupõe como inquestionáveis e irreduzíveis. Por isso, “A psicoterapia é uma modalidade específica que se apoia na relação pessoal lenta e cuidadosamente construída e tematizada abertamente a fim de que modos de ser antes negados possam vir à luz” (EVANGELISTA, 2020, p. 189).

É no exercício do saber-fazer pautado na experiência e pensamento, do questionamento das coisas e suas proposições que a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial apresenta sua potência para traçar caminhos possíveis para a conquista da liberdade frente aquilo que no mundo aprisiona e designa agires impessoais e autômatos (FEIJOO, 2017).

A analítica existencial de Heidegger fornece importantes elementos para a Psicologia por considerar e entender que os sofrimentos vivenciados possuem a marca indelével da atmosfera de uma determinada época, assim, o sofrimento encontra-se no âmbito do ser-com (FEIJOO, 2011).

Entende-se que a procura pela psicoterapia se dá dentro de uma situação já sufocante e insustentável, instado para uma problemática difícil e complexa, angustiante. Por isso deve-se adentrar para além dos termos gerais que configuraram o quadro angustioso, mas examinar sua construção e desenvolvimento, sua gênese, ir além dos possíveis fatos que desencadearam tal estado e suas perspectivas negativas (ROMERO, 2001).

Como visto no capítulo anterior (angústia e ser-para-a-morte), a crise existencial suspende o horizonte constituído no qual o analisando se encontra com suas determinações e orientações, assim, permitindo a abertura a possibilidades outras.

Aí encontra-se a potencialidade da clínica psicologia Fenomenológico-Existencial, pois, conjuntamente com o analisando, o existente compreensivo projetado no mundo, se cria um possível espaço de transformações.

Outro ponto já discutido é que na contemporaneidade as queixas que chegam no espaço psicoterapêutico estão intimamente, em sua maioria, relacionadas as determinações do horizonte da técnica que vivenciamos em nosso tempo.

A ênfase na produtividade, objetivação, consumo e resultados, promovem, estabelecem e produzem sofrimento principalmente por não se corresponder a seus ditames e exigências de sempre ter autoestima, ser produtivo e feliz, ou seja, apresentar e alcançar o nivelamento histórico de sentido e existência (FEIJOO, 2017).

O homem de nosso tempo, quer usufruir de todas as possibilidades (e da forma mais rápida possível), esquecido que é circunstanciado pela necessidade, pelo seu poder-ser. Então, o “querer é poder” nem sempre dá certo, conforme a ideologia propaga, e isso simplesmente porque a vida é surpreendente, e muitas vezes toma um rumo inesperado, não acontece como o planejado, há perdas e ganhos, não somos gratificados sempre, vencedores sempre. Não se tolera o sofrimento, é preciso gozar, pois “a vida é curta demais”. Então, o sofrimento que é próprio da existência é no nosso contemporâneo visto como algo à parte da vida, algo que nos acomete (SILVA, 2020, p. 75).

A demanda para a psicoterapia, na maior parte das vezes, é aquela que busca um meio para se chegar a um determinado fim, marcadas pela determinação moderna do fazer e da produtividade, tanto em seu excesso como na sua ausência. O não fazer, a ausência do querer ou sua demasia são vistos como passíveis de intervenções psicológicas, curativas e corretivas, pois nada pode permanecer desviante de sua finalidade de recurso e exploração, pois requer-se eficiência e adequação (FEIJOO, 2017).

Aqui temos o risco que ronda a psicoterapia, pois o seu fazer acaba por direcionar-se a conquista da normalidade e sua submissão aos padrões e demandas vigentes na Era da Técnica e suas requisições, que são a de um projeto individualista, equilíbrio pessoal e familiar, adaptação e de ascensão social que rejeita os movimentos mais amplos de caráter político e social. Recorre-se a psicologia atrás de conselhos e técnicas que o torne eficiente e capaz de atender a principal característica de nosso tempo, a exigência de produtividade (FEIJOO, 2017).

Contudo, é nessas situações decorrentes desse contexto que reside a potencialidade da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial por propor questionar essa incessante busca por fazer e adquirir, essa falta dos limites, na crença de que se desperdiça a vida se não alcança tais feitos e do mundo que não mais é possibilidade e sim necessidade (FEIJOO, 2017).

A psicoterapia pode promover naquele que aí-se-encontra em sofrimento, a busca e a abertura para se alcançar o que lhe é mais autêntico, suas verdades interiores e conquistar a si mesmo (FEIJOO, 2017).

Para isso, no encontro psicoterapêutico pretende-se facilitar um confronto ativo do analisando com o seu projeto de vida em execução, promover um questionamento de si e de sua existência, facilitar o encontro de uma abertura possível e construção de alternativas para que reformule e mude seu presente e futuro. Essas reelaborações da experiência permitem desencadear mudanças que dizem respeito somente ao analisando, por isso implica em seu comprometimento, escolha e ação (TEIXEIRA, 2006).

No processo gradual proporcionado por esse encontro, o que se está almejando é ajudar o outro, o analisando, a ser ele mesmo, mais próprio, e facilitar a permitir-se a fazer o que deseja dentro de suas possibilidades e converter a sua trajetória e realidade em sua própria história e realização pautada no cuidado de si (TEIXEIRA, 2006).

A clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, como exposta por Feijoo (2017), constitui estabelecer, frente as questões acima discutidas, um sentido marcado por uma negatividade. No compartilhamento de experiências e na inspiração existencial propõe-se a não (negatividade) indicar caminhos que pretensamente conduziria à superação, conscientização e mesmo a autorrealização, mas consiste em possibilitar que transpareça o caráter de incompletude e indeterminação que é a existência.

A clínica existencial caracteriza-se, muito mais, por uma negatividade; não há nada que esse clínico possa orientar, mesmo porque a verdade é algo que se conquista no momento mesmo da existência. Logo, a verdade é, essencialmente, abertura e o aí existencial é o fenômeno mais originário da verdade. Ser verdadeiro é ser desocultado na medida em que se é em um mundo. Isso torna o exercício clínico não um ato confessional, que na confissão conquista a consciência e a liberdade; o que acontece é uma conquista e reconquista incessante de si que, no final das contas, é pura indeterminação em seu caráter de poder ser (FEIJOO, 2017, p. 102).

Nesse ponto, contempla-se novamente a articulação possível com os existenciais angústia e ser-para-a-morte como trajetos a serem abertos pela psicoterapia, a qual se propõe a ser um espaço que permita transparecer os desafios e percalços presentes no âmbito do próprio existir como as frustrações e sofrimento. Com isso, permite que o analisando se entregue à existência compreendendo o caráter de indeterminação e, assim, lançando-se em seu poder ser (FEIJOO, 2017).

Nessa direção, é inegável a contribuição da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger ao destacar o lugar primordial dos afetos na compreensão do ser humano, quer no exercício do existir propriamente, quer no refúgio do adoecer, enquanto privação da liberdade de decidir. Diante de tal situação, como a prática psicológica pode ajudar o paciente a suportar a dor e a angústia e a fazer delas a possibilidade de libertação da existência? Assim, a prática psicológica pode apresentar-se como ocupando

um lugar de relevo diante daquele que precisa ocupar-se em existir no mundo, com as coisas, os outros e consigo mesmo (BARRETO; SILVA; SANTOS, 2020b, p. 116-117).

A busca presente na clínica psicológica Fenomenológico-Existencial é a de desvelar os sentidos das restrições advindas das orientações sedimentadas do impessoal que orientam, limitam e enrijecem os sentidos possíveis para as experiências que são trazidas para o encontro psicoterapêutico pelo analisando.

O psicoterapeuta não deve determinar e nem se posicionar, mas participar decisivamente nos acontecimentos dinâmicos experienciados com o analisando, permitindo que se desobscureça seu potencial de abertura para suas possibilidades mais próprias (FEIJOO, 2017).

Portanto, não se conduz e não se toma o lugar de decisão do analisando por não se ter uma verdade previamente estabelecida, contudo, a pergunta endereçada já implica no processo o analista que tem como modo de atuação sustentar os questionamentos para que se alcance, por meio da tensão promovida, seu próprio caminho, assumindo para si seu caráter de liberdade e possibilidades, bem como responsabilidade por suas escolhas (FEIJOO, 2017).

## 5.2 A relação analista-analisando

O alcance da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial e da relação terapêutica buscada nos pressupostos até aqui abordados, é depositário de diversos pensadores já citados, comentados e discutidos. Nesse momento, as reflexões advindas do pensador humanista Martin Buber (1878-1965) e suas contribuições acerca das inter-relações humanas se fazem pertinentes.

Ponto central entre suas contribuições, que podem ser aplicadas na relação psicoterapêutica é a proposição que deve haver e se desenvolver uma atitude dialógica, uma postura de aceitação para com o analisando e que por meio da fala como meio de expressão possa ocorrer um encontro autêntico, a isso, Buber denomina EU-TU (LIMA, 2008).

Buber é considerado um dos primeiros filósofos do chamado pensamento existencial. Seu interesse voltou-se à relação, ao modo como as pessoas se relacionam. Por esse motivo, seu pensamento é considerado relevante para os psicólogos, assim como para outros profissionais das ciências humanas, principalmente para aqueles que se preocupam com o sentido da existência humana, em todas as suas manifestações (ROSMANINHO, 2013, p 173).

A relação EU-TU, em um processo psicoterápico, possibilita um encontro existencial em que se revela analista e analisando, pois é uma perspectiva que valoriza o encontro no aqui-agora e instiga e permite o comparecimento do outro em sua alteridade própria, em uma afetação mútua (LIMA, 2008).

No aprofundamento da concepção de homem proposta por esta perspectiva, fundamenta-se um tipo de clínica centrada na pessoa enquanto singularidade articuladora das dimensões biopsicossocial e espiritual, ontologicamente voltada para a compreensão de si e do mundo. A filosofia de Martin Buber complementa a proposta fenomenológica, ressaltando a potencialidade da relação humana na sua concretude e movimento (LUCZINSKI, ANCONA-LOPEZ, 2010, p. 75).

Constrói-se assim uma relação autêntica e de aceitação, abrindo a disponibilidade da escuta e acolhimento e favorecendo um ambiente facilitador para a exploração das vivências e sentimentos. A clareza e a aceitação buscada nessa interação permitem capacitar o próprio analisando a, ao seu modo e tempo, decidir-se por si e descobrir suas possibilidades (LIMA, 2008).

O psicoterapeuta, nessa relação, deve de forma autêntica e empática se entregar verdadeiramente nessa relação, sustentando a aceitação do outro como ele é e se apresenta. Empatia corresponde na compreensão e a aceitação dos sentimentos do outro, bem como colocar-se em seu lugar, privilegiando o ser que se apresenta, seus pensamentos, sentimentos e seu existir naquele momento.

Essa relação presente na clínica, possibilita que o analisando reconheça, aceite e afirme a si mesmo, engendrando suas potencialidades de mudança e criatividade em sua vida.

Assim podem ocorrer elaborações, ressignificações e a busca pelo sentido, as quais não se darão necessariamente no setting terapêutico, mas como consequência de uma relação que se refletirá na vida da pessoa também fora daquela situação específica (LUCZINSKI, ANCONA-LOPEZ, 2010, p. 81).

Contudo, nessa relação EU-TU, pressupõe certo distanciamento em que o analista pode tomar o lugar do saber e detentor da verdade, podendo predominar sobre a vontade do analisando. Assim, Heidegger, em diálogo com Medard Boss vai postular a relação TU-TU (FEIJOO, 2017).

A proposta é que se atente e se anule a aparente onipotência do analista, retirando-o assim do suposto lugar do saber, conhecedor de uma verdade e que saberia indicar caminhos. A ruptura com tal onipotência e saber deve-se a busca pela conquista da liberdade de ambos na própria relação (FEIJOO, 2017).

TU-TU corresponde a uma relação que se dá na horizontalidade, não prescritiva por parte do analista e sem seu posicionamento como detentor de uma suposta verdade, assim, ambos compreendem que o analista não detém a verdade sobre o que é melhor para o analisando, nem qual caminho deve ser seguido. Assim, desenvolve-se uma relação que acompanha o outro em sua jornada, permitindo que se entregue aquilo que lhe corresponde e lhe demanda (FEIJOO, 2017).

O psicoterapeuta deve partir da ideia que não possui verdades frente a existência, principalmente a singular do outro, pois aquilo que se dá existencialmente é incontornável, não existindo respostas e verdades fechadas e definitivas. Porém, deve sempre ser buscada e demonstrada compreensão da situação conflitiva que o analisando traz (FEIJOO, 2017).

Por isso, o analista na relação psicoterapêutica Fenomenológico-Existencial pode contemplar sua fragilidade e aceitar o seu não-saber para manter a sustentação das questões trazidas pelo analisando e o acompanhá-lo na busca e possível encontro daquilo que não se sabe, quer saber e porque não está sabendo (FEIJOO, 2017).

Sustentar as questões trazidas permite que o analisando se demore em suas reflexões e permite encontrar ações, posturas e caminhos a serem tomados frente a suas próprias questões, bem como adentrar em esclarecimentos possíveis do que pode fazer, suas consequências e possíveis perdas (FEIJOO, 2017).

Pois:

O que caracteriza a existência individual é o ser que se escolhe a si-mesmo com autenticidade, construindo assim o seu destino, num processo dinâmico de vir-a-ser. O indivíduo é um ser consciente, capaz de fazer escolhas livres e intencionais, isto é, escolhas das quais resulta o sentido da sua existência (TEIXEIRA, 2006, p. 290).

O psicoterapeuta deve refletir o conteúdo verbal trazido, demonstrando que busca compreender as questões trazidas pelo analisando e que está junto dele, acompanhando e desbravando esse caminho a ser trilhado, possibilitado no encontro dos existentes ali presentes (FEIJOO, 2017).

Portanto, a relação TU-TU consiste em não fornecer respostas ao analisando, acolher as problemáticas e demandas ali presentes e sustentá-las demoradamente para que delas possam surgir aberturas para o encontro, pelo e para o analisando, do que fazer em sua vida.

### **5.3 Relação psicoterapêutica: compreensão e ajuda**

A compreensão na relação psicoterapêutica deve direcionar-se para que cada fenômeno, que apareça e surja, seja discutido em sua pertinência correspondente ao analisando concreto em questão, através do acompanhamento do conteúdo trazido (FEIJOO, 2017).

Analisando e analista enquanto *Dasein(s)* já se encontram na compreensão prévia por serem ser-no-mundo e orientados pelo mundo que ambos compartilham. Esse estar no mundo permite o acompanhamento do conteúdo do que é posto e a correspondente compreensão do que o outro diz (FEIJOO, 2017).

Contudo, o analista especifica-se por já ter refletido meditativamente sobre as determinações do mundo, pelo menos parte delas, o que possibilita que não reforce determinados modos de ser que potencialmente estão trazendo sofrimento ao analisando (FEIJOO, 2017).

Daí a necessidade da pesquisa e das reflexões tanto acerca da Filosofia fenomenológica e existencial quanto da Psicologia que busca articular esses conhecimentos com a clínica psicoterapêutica.

É proposto apreender a presença do outro como ele surge e aparece, ou seja, como ele se fenomenaliza frente ao psicoterapeuta, não havendo espaço para pré-concepções e interpretações distorcidas, pois, a aspiração é abarcar o singular ser que ali se apresenta, se apresenta (TEIXEIRA, 2006).

Por isso tem de buscar uma sintonia capaz de acessar o outro e deixar ser acessado, em uma relação de empatia, para se compreender e captar a forma constitutiva da presença no mundo do analisando.

O direcionamento deve ser a realidade e a experiência do outro, do analisando, por isso para o analista a orientação é envolver-se em um estado e postura de estar-com e estar-para (TEIXEIRA, 2006).

A postura compreensiva aqui buscada consiste em permitir trilhar junto e acompanhar o que é dito pelo outro, o analisando, apreender a estrutura de sentido de seu modo de ser, permitir que se desvele para si a situação em que se encontra, seus desafios e temores, para com isso ele almeje e tome suas próprias decisões (FEIJOO, 2017).

a compreensão se mostra como um elemento central na medida em que ela é o fundamento da possibilidade de compartilhamento de um aí e do acolhimento do outro. Isto é, a compreensão sustenta a escuta atenta à fala e ao modo de ser do paciente, desvelado no círculo de manifestação compartilhado do aí terapêutico. A compreensão fundamenta a escuta aberta que deixa-ser o paciente alicerçado em si mesmo, que está atenta receptivamente e que, assim, deixa vir-ao-encontro o sentido que sustenta seu relato, para devolver-lhe a responsabilidade perante si mesmo (JARDIM, 2013, p. 57-58).

A existência possui um caráter incontornável, misterioso e desconhecido, compreendê-la demanda acompanhar e apropriar-se das experiências, por isso a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial não tem a pretensão de realizar diagnóstico, prevenção e cura, mas compreender e possibilitar a abertura para existires mais próprios e outras possibilidades de realização, aceitando a finitude, mas também a liberdade (FEIJOO, 2017).

Esse espaço de relação clínica é aquele que, no mínimo resguarda a possibilidade de conquista da medida existencial. Para tanto é necessário que na relação clínica possamos atuar de modo a: 1 não substituir o outro em suas decisões, dando caminhos ou conduzindo-o de modo a pontuar o que é certo ou errado, de acordo com as determinações dadas pelo impessoal-mundo; 2 não estar com o outro com pressa, na crença

de que é necessário que o encontro psicoterapêutico dê resultados em curto período de tempo (FEIJOO, 2019a, p. 70).

A psicoterapia aqui sustentada propõe a ser um espaço em que o analista seja mais um participante, não o protagonista, e que não indica caminhos e não seja moralizante, uma vez que não saberia direcionar o caminho, pois esse só o analisando pode alcançar, sendo dele, apenas dele o próprio caminho, sua existência, sua singularidade.

A clínica não tem um objetivo a alcançar, no sentido de um existir ideal previamente determinado como bom ou normal, assim como não detém o domínio dos acontecimentos. Na clínica, como na vida, o que acontece está refém da repetição que é a vida mesma, espaço e tempo em que pode se esclarecer, ou seja, vir à luz, aquilo que se encontra obscuro, assim como onde também pode aparecer a medida justa do que é e do que pode ser no âmbito daquilo que está em questão (PROTASIO, 2015, p. 240).

Sustentada nas formulações presentes no pensamento de Kierkegaard, Feijoo (2017) diz que, aquele que quer estabelecer uma relação de ajuda deve indiretamente retirar o outro da ilusão acerca daquilo que não é e permitir identificar o que lhe é determinado socialmente em seu modo de ser, ou seja, o que o impessoal lhe designou em seu entender e ser. Assim, a proposta é ajudar a romper com as ilusões e acompanhar o outro em seu conhecer e desvelamento das verdades impostas e prescritas pelo impessoal, pelo mundo.

Já Heidegger nos direciona na mesma toada às determinações do mundo moderno que nos tomam com suas orientações e nos absorvem em seus ditames de veracidade invioláveis, nos tornando autômatos em suas reproduções e cadências. Para não nos deixar ser tomados plena e totalmente por essas determinações é que propõe que devamos ter uma atitude serena e postura e capacidade para dizermos sim e não a essas determinações (FEIJOO, 2017).

Primeiro, para Heidegger, a psicoterapia diz respeito ao sofrimento humano enquanto fenômeno de restrição do seu âmbito de poder-ser e de sua liberdade existencial de correspondência ao sentido daquilo que encontra no aberto do mundo. Segundo, a meditação sobre a tecnologia moderna visa, em última instância, propiciar uma relação mais livre com a atual Era da Técnica. Por fim, salienta o filósofo, não é possível, para aqueles que se dedicam às profissões que pretendem lidar com o sofrimento existencial, contornar a tarefa de apropriação do lugar histórico em que se encontram e a partir do qual as possibilidades da existência cotidiana se condicionam e se restringem (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 31).

O procedimento capaz de elucidar o ser-no-mundo e promover um possível desvenilhar das ocupações cotidianas, é permitir que as coisas sejam elas mesmas e que se busque encontrá-las onde nascem, em suas origens e no fenômeno.

O discernimento abarcado pelo diálogo exercido na clínica com o sentido permite que se ganhe maior liberdade das determinações do mundo, do impessoal, para assim, não deixar o ser se delimitar e reduzir em seus possíveis e essências, assim, consegue-se oferecer resistência a tais determinações do mundo (FEIJOO, 2017).

Proceder dessa forma capacita o ser-aí a romper com os ideais impostos e os ditames que se dizem corretos e certos, permitindo abrir espaço para outras formas de relacionamento para com a vida, as coisas e as pessoas, ou seja, outras possibilidades.

Por isso, romper as ilusões que são trazidas pelo analisando durante a psicoterapia corresponde a não sustentar as familiaridades e o não estranhamento de sua dinâmica existencial que são prerrogativas do horizonte histórico. Caminha-se para a busca de um espaço de diálogo clínico que possa questionar as verdades estabelecidas pela cadência do impessoal, e quem sabe, rompê-las no seu modo de ser (FEIJOO, 2017).

A interpretação psicoterapêutica, nessa perspectiva, não busca adequar os fenômenos que se apresentam no encontro clínico aos constructos conceituais das teorias psicológicas, mas remete o *Dasein* a si mesmo, aos significados e discursos que compõem sua facticidade, o que equivale a dizer que a dinâmica psicoterapêutica remete o *Dasein* à interpretação de mundo que ele mesmo é (sua situação hermenêutica), embora esta não se explicita em um primeiro momento no falatório cotidiano (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 26).

O desafio é grande, pois as formas como se diz, sente e pensa estão submersas nas verdades ditas pelo impessoal e pelo momento histórico em que se encontra que é marcado pela Era da Técnica, verdades essas carregadas de opinião pública, preconceitos e estereótipos (FEIJOO, 2017).

Daí a necessidade e importância do espaço clínico para o pensamento questionador, que de forma demorada e sustentada na serenidade, escrutina tais verdades estabelecidas, atendendo para as forças da cadência do mundo que insistem em arrastar o existente para suas determinações (FEIJOO, 2017).

Adotar uma postura serena não equivale a recusar a ciência ou a tecnologia, haja vista que a serenidade não afirma nem nega o mundo técnico, aceita a exigência da vida moderna de nos relacionarmos com esses saberes, sem aceitar, porém, a necessidade de nos tornarmos por eles subjugados. A serenidade do pensamento exige que tenhamos, por assim dizer, liberdade diante do horizonte técnico, estabelecendo uma relação em que seu lugar seja propriamente dimensionado (MAGLIANO; SÁ, 2015, p. 24).

Portanto, a potencialidade da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial reside em seu alcance concebível dentro das prerrogativas e aberturas possíveis que vão emanar de um diálogo genuíno entre analista e analisando e por intermédio do acolhimento, escuta atenta e disponibilidade do analista nessa autêntica relação psicoterapêutica de encontro, reflexão e reciprocidade, realizando um verdadeiro encontro existencial daqueles que aí-se-encontram.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apreciou a potencialidade da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial que proporciona e articula uma contínua reflexão e compreensão da existência, que compartilhada com o analisando no entendimento de suas condições de ser, pode abri-lo a suas múltiplas e próprias possibilidades.

Buscou-se abarcar determinadas tonalidades afetivas que ensejam situações-limite que podem abrir novos horizontes no mundo do analisando, pois lançam a existência às suas possibilidades devido promoverem crises radicais e sucumbirem o ser, que são a angústia e o ser-para-a-morte.

Essa crise potencial defronta-se com os sentidos prescritos no horizonte histórico do *Dasein*, confrontando-o com seu poder-ser que lhe é próprio, só seu, expressando assim uma abertura para a conquista da experiência, do seu ser mais próprio, rompendo com o impessoal, se lançando a desvelar sentidos e significados e permitir se deixar apropriar pelo mundo.

Contudo, como já visto, a cotidianidade mediana é permeada e amplamente ditada pelo impessoal, essa orientação do ser-aí assume um modo de ser que busca incessantemente encobrir e dissimular o que lhe é estranho e indeterminado. Exemplo disso são as incessantes ocupações e distrações do ser na contemporaneidade, designada como a Era da Técnica.

Foi compreendido que para corresponder à consciência que clama, respondendo-a, é necessário romper com a tutela do impessoal e com a modalidade imprópria, não mais se orientar pelos projetos impostos pelas estruturas impessoais da existência e não dar correspondência aos conteúdos sedimentados da medianidade, assim, decidindo-se pela propriedade.

Frente a esse contexto é que a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial ganha sua importância, pois nela se mobiliza um espaço que constitui uma atmosfera em que as tonalidades afetivas encontram amparo para se expressarem, permitindo que se defronte com o caráter indeterminado da existência humana e o que é mais próprio a ela, o poder-ser. É uma tarefa árdua, pois há um constante empuxe ao retorno do ritmo cotidiano e às determinações do mundo.

Por isso é que se propõe que o analisando deva conquistar a sua medida, o que ele quer para si, não deixando ser determinado pelas demandas do mundo. Assim, permitindo que alcance a tranquilidade de resistir aos desmandos do impessoal e assuma o que lhe faz sentido.

Como contemplado durante o presente estudo, a clínica aqui agraciada propõe a se configurar como espaço de reflexão e de meditação (pensamento meditante) para aquele que se

instaurou uma crise, sofrimento e angústia, criando um ambiente em que o analisando vá contemplando e entendendo seus equívocos.

Por isso o analista deve acompanhar esse momento de forma aberta, não apressadamente e sem a pretensão que se volte ao estado anterior, mas deve aguardar cuidadosamente que os elementos trazidos e as consequentes reflexões clamem a crise existencial.

Instaurada a crise existencial, o momento permite a suspensão das orientações e determinações em que o analisando se encontra imerso e torna possível a destruição das verdades estabelecidas e sua abertura às demais possibilidades até então encobertas pelas determinações do impessoal e escondidas na cotidianidade. Dessa forma, torna-se possível uma abertura a possibilidades e transformações significativas para que se alcance uma maior autenticidade em sua existência.

O caráter de abertura tem grande importância por permitir criar entendimentos das possibilidades inerentes da existência que estão intimamente relacionadas as compreensões e condições de liberdade existencial, por isso, como se está situado no mundo, a afinação de humor, bem como as presentes ansiedades e desafios, não são totais e definitivas, mas são passíveis de transitoriedades e transformações.

A vida não permite total realização, comporta frustrações e será marcada por projetos não realizados, desse modo, há um descompasso entre o querer/dever ser e o poder ser. A clínica deve deixar transparecer e mobilizar essas tensões e disparidades entre o dever e o poder, pois nessa situação pode estar o cerne do sofrimento.

Nessa dor, sofrimento, encontra-se uma aptidão para se contemplar os limites impostos pela vida e sua finitude, aceitando que haja obstáculos que podem não serem transpostos e que são constitutivos da própria existência.

O psicoterapeuta, ao deixar aparecer e sustentar a questão da disparidade entre o querer ser e o poder ser, permite que a dor do descompasso se desvele e cria condições para o analisando assumir sua condição de temporalidade, fragilidade e finitude, na qual sempre se encontrou.

Contemplou-se que é possível e necessário que a clínica, atuando frente a inseparabilidade do plural e do singular, possa facilitar e/ou manter o despertar das tonalidades afetivas capazes de promoverem um movimento de maior abertura e possibilidades que se encontram obscurecidas, porém presentes e latentes.

Daí a importância de se confrontar as limitações existenciais trazidas pelo analisando para que ao se apropriar do que concerne às suas decepções, frustrações, medos e temores, redescubra as oportunidades, projetos e desafios esquecidos.

Projeto aqui corresponde a condição essencial para o ser-aí, pois o constrói a partir de sua ação no mundo e permite tecer sua trama de relações e experiências que vão possibilitar ou impedir que alcance o que se deseja.

A escolha é inevitável na existência, por isso, tem-se que assumir a liberdade de escolher como de sua própria responsabilidade e que seu trajeto de vida corresponderá a sua autoria e compromisso para com ela, dessa forma, assumir que as escolhas que são sustentadas em sua liberdade, dentro de suas possibilidades e horizonte histórico, são constitutivas de quem ele é, sua identidade e características.

Contudo, o movimento desencadeado pelas consequências das escolhas permite reconhecer as limitações e alternativas da existência, bem como a inerente contradição da liberdade, pois ao escolher, renunciamos às outras possibilidades.

É por esses motivos que a angústia e o ser-para-a-morte mobilizados, vão favorecer a conscientização das próprias limitações e permitir vislumbrar e assumir para si seu projeto mais próprio.

O que se busca promover no espaço da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial, com todo esse movimento, é que o analisando alcance sua autenticidade, caracterizada por uma maturidade em seu desenvolvimento singular que abarque a aceitação da condição humana, sintonize-se com sua abertura, compreenda-se enquanto liberdade e adquira e escolha seu projeto para si e seu futuro.

Pois, mesmo que o *Dasein* seja a totalização de suas experiências singulares com seu tempo, com os outros, com o mundo e com os entes que os cerca e pertence, ainda é capaz de ultrapassá-las e de fazer e desfazer o que se foi, é e potencialmente será.

Porque o ser do humano não é dado, mas é, efetivamente, constituído pelas relações estabelecidas dentro do espaço aberto em seu horizonte histórico no qual está correspondendo sua vida, vivendo em sua possibilidade mais própria, o poder-ser.

O existir humano está constantemente se relacionando com as possibilidades de ser, ou seja, não é um dado inequívoco, paralisado e fechado, mas se constitui de forma dinâmica e incessante, conforme vai se constituindo mediante as relações que estabelece no próprio existir, assim, também é abertura ao mundo.

Portanto, a clínica psicológica Fenomenológico-Existencial possui a potencialidade de abertura das possibilidades e autenticidade no analisando promovendo transformações, se assim o quiser, e capacitar a desconstrução das identidades sedimentadas, permitindo que se conquiste seu caráter de poder-ser e sua medida existencial, transfigurando o sofrimento e conquistando o cuidado de si.

## REFERÊNCIAS

- ACCETA, M.; FEIJOO, A. M. L. C.. A importância do amor na clínica de Binswanger: Revisão Narrativa da Literatura. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; PONCIANO, E. L. T.; GONCALVES, A. S. (org.). **Psicologia em Pesquisa**: formulações teóricas e metodologias inovadoras. 1ed. Rio de Janeiro: Edições Ifen, 2022. v 1. p. 71-90.
- ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F.. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259–268, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/XLzgL8vX67XRNs83MLk7mn/?lang=pt#>. Acesso em 29 abr. 2023.
- ANGERAMI-CAMON, V. A.. **Psicoterapia existencial**. 4.ed. Brasil: Thomson Learning, 2007.
- BARRETO, C. L. B. T.. O Viver Entediado e o Sofrimento que o acompanha em Tempos de Crise. *In*: DUTRA, E. (org.). **Sofrimento, existência e liberdade em tempos de crise**. 1ed. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, 2020a.
- BARRETO, C. L. B. T.; SILVA, E. F. G.; SANTOS, S. E. B.. A Prática Psicológica como exercício do cuidado: uma experiência no viver cotidiano. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. M. F.. (org.). **Fenomenologia e práticas clínicas III**. 1ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2020b. v. 1. p. 115-134.
- BARRETO, C. L. B. T.. O Tempo da Existência Humana e a Esperança: Ressonâncias sobre a Clínica Contemporânea. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. F. M. (org.). **Daseinsanálise hoje**. 1. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2019. v. 1. p. 113-129.
- BARRETO, C. L. B. T.. Uma possível compreensão fenomenológica existencial da clínica psicológica. *In*: **VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições**, 2008, São Paulo. VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições - Atenção Psicológica: Experiência, Intervenção e Pesquisa. São Paulo: USP, 2008. v. 8. p. 1-14.
- BELLO, A, A.. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru - SP: Edusc, 2006.
- CASTRO, F. G.. Crise do sujeito contemporâneo e novas possibilidades de ser no mundo a partir do existencialismo. *In*: DUTRA, E. (org.). **Sofrimento, existência e liberdade em tempos de crise**. 1ed. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, 2020. v. 1. p. 193-212.
- CORDEIRO, A. M.; OLIVEIRA, G. M.; RENTERÍA, J. M.. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgões**, v. 34, n. 6, p. 428–431, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcgmV6Gf/?lang=pt#>. Acesso em 29 de abr. 2023.
- COSTA, P. V. R.. Da filosofia à clínica psicológica: uma experiência malograda de acolhimento atento e atmosfera permeável na clínica. *In*: FEIJOO, A. M. L. C; PROTASIO, M. M. (org.). **Situações Clínicas I**: Análise Fenomenológica de Discursos clínicos. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.

DUTRA, E. M. S.. Daseinsanálise nos dias atuais: reinventando a clínica psicológica na Era da técnica. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. F. M. (org.). **Daseinsanálise hoje**. 1. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2019. v. 1. p. 49-64.

EVANGELISTA, P.. Vulnerabilidade existencial: a condição humana como fundamento de psicopatologia. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. M. F.. (org.). **Fenomenologia e práticas clínicas III** - Palestras apresentadas no III Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais. 1ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2020. v. 1. p. 135-158.

FEIJOO, A. M. L. C.. Morte, suicídio e luto: atuação do psicólogo em diferentes contextos. *In*: DUTRA, E. (org.). **Sofrimento, existência e liberdade em tempos de crise**. 1ed. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, 2020., v. 1. p. 29-56.

FEIJOO, A. M. L. C.. Paciência e Serenidade: Clínica Psicológica como a Arte do Demorar-se. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. F. M. (org.). **Daseinsanálise hoje**. 1. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2019<sup>a</sup>. v. 1. p. 65-86.

FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M.; SÁ, R.N.. Da possibilidade pré-ontológica da Fenomenologia ao sentido fenomenológico do Gesto. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. M. (org.). **O gesto fenomenológico: corpo, afeto e discurso na clínica**. Rio de Janeiro, IFEN, 2019b. v. 1. p. 105-130.

FEIJOO, A. M. L. C.. **Existência & Psicoterapia**: da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial. Rio de Janeiro: IFEN, 2017.

FEIJOO, A. M. L. C.. Solidão, cristalização da identidade feminina e a clínica psicológica existencial. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M. (org.). **Situações Clínicas I**: Análise Fenomenológica de Discursos clínicos. Rio de Janeiro: IFEN, 2015. v. 1. p. 17-44.

FEIJOO, A. M. L. C.. **A existência para além do sujeito**: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Verita, 2011.

FEIJOO, A. M. L. C.. **A Escuta e a Fala em Psicoterapia** – Uma Proposta Fenomenológico-Existencial. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

FEIJOO, A. M. C.. A psicoterapia em uma perspectiva fenomenológico-existencial. *In*: ANGERAMI-CAMON, V. A. (org.) **Psicoterapia fenomenológico-existencial**. São Paulo: Pioneira, 2002.

FIGUEIREDO, L. C.. **As Matrizes do Pensamento Psicológico**. Petrópolis: ed. Vozes, 1991.

FORGHIERI, Y. C.. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisas. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GUIMARÃES, C. R.. Heidegger e a excelência da questão do ser. *In*: LIMA, ABM., org. **Ensaaios sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, p. 51-75. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/pcd44/pdf/lima-9788574554440-03.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2023.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo: parte II**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, M.. **Ser e tempo**. Petrópolis. Vozes. 1989.

JARDIM, L. E. F.. Rumos da Fenomenologia no Brasil. *In*: Evangelista, P. E. R. A. (org.). **Psicologia Fenomenológico-Existencial**: possibilidades da atitude clínica fenomenológica. 1ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013. v. 1. p. 11-23.

LIMA, A.B.M.. (org.). **Ensaio sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus, BA: Editus, 2014. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/pcd44/pdf/lima-9788574554440.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2023.

LIMA, B. F.. Alguns apontamentos sobre as origens das psicoterapias fenomenológico-existenciais. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 28-38, jun. 2008. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672008000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 01 abr. 2023.

LUCZINSKI, G. F.; ANCONA-LOPEZ, M.. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 75–82, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/kMmj5HLv6sm3hLjqJd9pDrK/#>. Acesso em 11 jul. 2023.

MAGLIANO, F. da R.. **Meditação e Clínica**: Uma aproximação entre Filosofia e Psicologia. Rio de Janeiro: IFEN, 2019.

MAGLIANO, F. R.; SÁ, R. N.. Reflexões heideggerianas sobre técnica, liberdade e práticas psicológicas clínicas. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, p. 19-32, 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672015000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 abr. 2023.

MAY, R.. **A descoberta do ser**: estudos sobre a psicologia existencial. Tradução de Cláudio Somogyi. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

PEREIRA, M. E. C.. Sobre os fundamentos da psicoterapia de base analítico-existencial, segundo Ludwig Binswanger. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 137-142, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Mfn8WTVXf-GcjGLVdNkwHz3K/?lang=pt#>. Acesso em: 11 abr. 2023.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T.. **Os dois nascimentos do homem**: escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T.. **Na presença do Sentido**: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: Educ; Paulus, 2004.

PROTASIO, M. M.. Um ensaio de psicologia experimental: Nina e os pensamentos ruins. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M.. (org.). **Situações Clínicas I**: Análise Fenomenológica de discursos clínicos. 1ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2015. v. 1. p. 239-272.

PROTASIO, M. M.. A psicologia indicada por Kierkegaard em algumas de suas obras. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 213-220, dez. 2014. Disponível em [http://pep-sic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672014000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pep-sic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000200009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 jul. 2023.

RAFFAELLI, R.. Husserl e a psicologia. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 9, p. 211–215, maio 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/epsic/a/SqszbfbjL3qkH9pNPWpyNhr/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 21 abr. 2023.

RODRIGUES, J. T.. A possibilidade de uma Psicologia não cartesiana. **Revista Fenômeno Psi**, ano 2, n. 1, p. 31-40, maio 2004.

ROMERO, E.. **O inquilino do imaginário**: formas de alienação e psicopatologia. 3ª ed. Revisada e Ampliada. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

ROSMANINHO, M. T.. A relação EU-TU no encontro terapêutico. In: EVANGELISTA, P.. **Psicologia fenomenológico-existencial** - Possibilidades da atitude clínica fenomenológica. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013. p. 173-182.

RUDIO, F. V.. **Diálogo maiêutico e psicoterapia existencial**. São José dos Campos: Novos Horizontes, 2001.

SÁ, R. N.; VIEIRA, M. S.. Reflexões fenomenológico-hermenêuticas sobre a dimensão afetiva da existência e a psicoterapia.. In: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. F. M. (org.). **Dasein-sanálise hoje**. 1. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2019. v. 1. p. 87-112.

SÁ, R. N.. Hermenêutica fenomenológica da experiência de si mesmo e psicoterapia. In: FEIJOO, A. M. L. C; PROTASIO, M. M. (org.). **Situações Clínicas I**: Análise Fenomenológica de Discursos clínicos. Rio de Janeiro: IFEN, 2015. cap. 2. p. 45-65.

SÁ, R. N.; BARRETO, C. L. B. T.. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 389–394, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/YxnvbDMYQnRZLQTNFBVVRBf/#>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SILVA, L. C.. A morte por suicídio no horizonte histórico contemporâneo. In: Dutra, E.. (org.). **Sufrimento, existência e liberdade em tempos de crise**. 1 ed. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, 2020. v. 1. p. 57-78.

SILVA, F. A. N. Fenomenologia e Psicologia: uma relação epistemológica. **Psicologia em foco**, Aracaju, v. 2, n. 1, jan./jun., 2009. p. 139-142.

TEIXEIRA, J. A. C. Introdução à psicoterapia existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v.24, n.3, 2006. Disponível em <https://scielo.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2023.